

The ELLE
KENNEDY
Risk BRIAR U

O DILEMA DE
BRENNAN E JAKE

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

pa
ra
le
la

The
Risk BRIAR U

BRENNNA

Ele está atrasado.

Não sou uma vaca completa. Em geral, dou cinco minutos de tolerância a um cara. Posso perdoar cinco minutos de atraso.

Com sete, talvez ainda esteja receptiva, principalmente se tiver sido avisada do atraso com uma ligação ou mensagem. Trânsito é algo incontrollável. Às vezes ele te ferra.

Com dez, minha paciência já vai estar se esvaindo. Se o babaca sem consideração tiver se atrasado dez minutos sem nem ligar, já era. Vou embora no mesmo instante.

Com quinze, aí o problema sou eu. Por que ainda estou no restaurante?

Ou, neste caso em particular, na lanchonete.

Estou sentada a uma mesa no Della's, uma lanchonete estilo anos 1950 em Hastings, a pequena cidade que vou chamar de lar pelos próximos anos. Por sorte, não preciso chamar a casa do meu pai de "lar". Podemos estar na mesma cidade, mas antes de me transferir para a Universidade Briar deixei claro que não moraria com ele.

Já deixei o ninho. De jeito nenhum vou me sujeitar de novo à superproteção e à comida péssima dele.

“Mais café?” A garçonete, uma jovem de cabelo cacheado em um uniforme branco e azul de poliéster, me dirige um olhar solidário. Parece ter vinte e muitos anos. A plaquinha em seu uniforme diz “Stacy”. Tenho certeza de que sabe que furaram comigo.

“Não, obrigada. Só a conta, por favor.”

Ela se afasta, e aproveito para pegar o celular e mandar uma mensagem rápida para minha amiga Summer. É tudo culpa dela. Por isso, deve encarar minha ira.

EU: Ele me deu um bolo.

Summer responde na mesma hora, como se estivesse sentada ao lado do celular esperando notícias. Na verdade, esqueça o “como se”. Certeza que estava fazendo exatamente isso. Minha nova amiga não tem vergonha de se intrometer.

SUMMER: NÃO ACREDITOOOO!!

EU: Pois é

SUMMER: Que babaca! Sinto muito mesmo, Bee

EU: No fundo não fiquei surpresa. O cara é jogador de futebol americano. Eles são babacas por definição

SUMMER: Achei que Jules fosse diferente

EU: Achou errado

As reticências que aparecem na tela indicam que está escrevendo algo. Já sei o que é. Outro pedido de desculpas

enfático, que não estou no clima para ler. Não estou no clima para nada além de pagar pelo café, voltar para meu apartamento minúsculo e tirar o sutiã.

Cara idiota. E me maquiei por causa dele. Tudo bem que era só um café à noite, mas me esforcei mesmo assim.

Abaixo a cabeça para revirar a carteira atrás de alguns trocados. Quando uma sombra recai sobre a mesa, imagino que é Stacy voltando com a conta.

Imagino errado.

“Jensen”, ouço uma voz masculina insolente dizer. “Levou um bolo, foi?”

Argh. Ele é a última pessoa que eu gostaria de ver neste momento.

Jake Connelly escorrega pelo banco do outro lado da mesa, e eu o recebo com um franzir de cenho desconfiado em vez de um sorriso. “O que está fazendo aqui?”, pergunto.

Connelly, mais conhecido como O INIMIGO, é capitão do time de hóquei de Harvard, nosso maior rival. Meu pai é o técnico principal da equipe da Briar. Em dez anos de trabalho, foi campeão três vezes. Vi uma reportagem recente em um jornal da Nova Inglaterra com a manchete “A era Jensen”. Tratava-se de um texto de página inteira sobre como a Briar está detonando nesta temporada. Infelizmente, Harvard também, graças ao astro do outro lado da mesa.

“Estava por perto”, ele responde, e noto em seus olhos verde-floresta que parece achar graça.

Da última vez que o vi, Connelly e um colega de time estavam nos espionando nas arquibancadas da arena da Briar. Pouco depois, acabamos com eles no confronto direto. O que foi motivo de muita satisfação e compensou a derrota que havíamos sofrido antes na temporada.

“Ah, é. Tenho certeza de que está em Hastings totalmente por acaso. Você não mora em Cambridge?”

“E?”

“Fica a uma hora daqui.” Sorrio torto para ele. “Não sabia que eu tinha um stalker.”

“Me pegou. Estou stalkeando você.”

“Fico lisonjeada. Já fazia um tempo que ninguém ficava tão hipnotizado por mim que precisava ir até outra cidade para me stalkear.”

Os lábios dele se curvaram em um sorriso. “Olha, por mais gata que você seja...”

“Ah, você me acha gatinha?”

“... eu não gastaria gasolina vindo até aqui só para ver você arrancando os meus colhões. Desculpa se te decepcionei.” Connelly passa uma mão pelo cabelo escuro. Está um pouco mais curto agora, e uma barba por fazer cobre seu maxilar.

“Você fala como se eu tivesse qualquer interesse pelos seus colhões”, respondo, fofa.

“Meus colhões metafóricos. Você não daria conta dos reais”, ele diz. “*Gatinha.*”

Reviro tanto os olhos que quase distendo um músculo. “Sério, Connelly. Por que está aqui?”

“Vim visitar um amigo. E aqui pareceu um bom lugar para pegar um café antes de voltar pra Cambridge.”

“Você tem um amigo? Nossa, que alívio. Já te vi com os caras do time, mas imaginei que tinham que fingir que gostavam de você porque é o capitão.”

“Eles gostam de mim porque sou legal pra caralho.” Connelly volta a abrir um sorriso.

De arrancar a calcinha. Foi assim que Summer descreveu o sorriso dele uma vez. A garota é totalmente obcecada pelo visual arrumadinho. Outros termos que já usou para descrever o cara incluem: caminhão de gostosura, ovulação instantânea, boydelícia e totalmente pegável.

Summer e eu nos conhecemos faz só alguns meses. Passamos de desconhecidas a melhores amigas em uns trinta segundos. Ela veio de outra faculdade depois de ter colocado fogo sem querer na casa da fraternidade em que morava. Como eu podia não adorar aquela maluca? Ela estuda moda, é muito divertida e tem certeza de que estou interessada no Jake Connelly.

Mas está errada. O cara pode ser lindo e um jogador de hóquei fenomenal, mas também curte jogar fora das pistas de gelo. É o padrão, na verdade. Muitos atletas têm um grupo de fãs que fica perfeitamente contente em 1) dar uns pegadas, 2) não ser exclusivas, e 3) sempre vir depois do esporte.

Mas não sou uma delas. Não me incomoda de dar uns pegadas, mas os números dois e três são inegociáveis para mim.

Sem mencionar que meu pai arrancaria minha pele se eu saísse com O INIMIGO. Ele e o técnico de Harvard, Daryl Pedersen, estão em disputa há anos. Segundo meu pai, Pedersen sacrifica bebezinhos em nome de Satã e faz magia negra em seu tempo livre.

“Tenho muitos amigos”, Jake diz e dá de ombros. “Inclusive um bem próximo que estuda na Briar.”

“Sempre acho que quando alguém se gaba muito de seus amigos é porque não tem nenhum. Não está querendo compensar nada, não?” Sorrio, inocente.

“Pelo menos não levei um bolo.”

Meu sorriso se desfaz. “Não levei um bolo”, minto. A garçonete se aproxima da mesa no mesmo instante, estragando tudo.

“Você chegou!” Ela parece aliviada ao se deparar com Jake. Então, dá uma boa encarada nele com um olhar de aprovação. “Estávamos começando a ficar preocupadas.”

Estávamos? Não tinha me dado conta de que estávamos juntas na humilhação.

“A estrada estava escorregadia”, Jake disse a ela, indicando com a cabeça a vitrine da lanchonete. Pequenos córregos desciam pelos vidros embaçados. Então, um raio iluminou momentaneamente o céu escuro. “É preciso tomar cuidado redobrado quando se dirige na chuva, sabe?”

Ela assente com vontade. “A estrada fica bem molhada quando está chovendo.”

Jura, gênio? *As coisas ficam molhadas quando chove.* Alguém precisa avisar o pessoal do comitê do Nobel.

Os lábios de Jake se contorcem.

“Quer beber alguma coisa?”, a garçonete pergunta.

Eu o fulmino com o olhar.

Connelly responde com um sorriso torto antes de piscar para a garçonete. “Eu *adoraria* um café...” Ele aperta os olhos para a plaquinha com o nome no uniforme dela. “Stacy. E pode encher a xícara da minha namorada ranzinza.”

“Não quero mais café, e não sou namorada dele”, rosno.

Stacy pisca, confusa. “Não? Mas...”

“Ele é um espião de Harvard que foi mandado para descobrir tudo sobre o time de hóquei da Briar. Não cai na dele, Stacy. É o inimigo.”

“Que exagero.” Jake ri. “Ignora, Stacy. Ela só está brava porque me atrasei. Dois cafés e uma torta, por favor. Quero um pedaço de...” O olhar dele recai sobre a vitrine no balcão. “Ah, droga, não consigo escolher. Todas parecem uma delícia.”

“Nem me fala em delícia”, ouço Stacy murmurar.

“O que você disse?”, ele pergunta, mas seu sorrisinho deixa claro que a ouviu bem.

Stacy fica vermelha. “Ah, hum, só que tem torta de pêssego e noz-pecã.”

“Hum...” Jake passa a língua no lábio inferior. É ridículo de sedutor. Tudo nele é. Por isso odeio o cara. “Quer saber? Um pedaço de cada, por favor. A gente vai dividir.”

“Vamos nada”, digo, veemente, mas Stacy já está correndo para providenciar as tortas idiotas do rei Connelly.

Caralho.

“Olha, por mais que eu goste de conversar sobre como seu time é ruim, estou cansada demais para te insultar esta noite.” Tento disfarçar o cansaço, mas ele transparece na minha voz. “Quero ir para casa.”

“Ainda não.” A atmosfera leve e levemente irônica que ele emanava até então de repente se transforma em algo mais sério. “Não vim para Hastings por sua causa, mas agora que estamos tomando um café...”

“Contra minha vontade”, corto.

“... quero conversar sobre um negócio.”

“Ah, é?” Fico curiosa, apesar de não querer. Tento disfarçar com sarcasmo. “Mal posso esperar para ouvir o que é.”

Jake abre as mãos sobre a mesa. São grandes. Tipo, muito, muito grandes. Tenho meio que uma obsessão por mãos masculinas. Se são pequenas demais, perco o interesse de imediato. Se são grandes e fortes demais, fico meio apreensiva. Mas Connelly foi abençoado com o par perfeito. Os dedos são compridos, mas não ossudos. As palmas são grandes e poderosas, mas não robustas. As unhas estão limpas, mas as juntas de dois dedos estão vermelhas e rachadas, provavelmente de raspar no gelo. Não consigo ver as pontas dos dedos, mas aposto que são cheias de calos.

Adoro a sensação de calos passando pela minha pele nua, roçando um mamilo...

Argh. Não. Não posso ter pensamentos picantes perto desse cara.

“Quero que você fique longe do meu amigo.” Connelly mostra os dentes depois de dizer isso, mas não é nada que possa ser chamado de sorriso. É selvagem demais.

“Ele quem?” Mas ambos sabemos de quem está falando. Posso contar em um dedo de uma mão com quantos jogadores de Harvard eu fiquei.

Conheci Josh McCarthy em uma festa de Harvard para a qual Summer me arrastou há um tempo. Ele deu um chlique quando descobriu que eu era filha de Chad Jensen, mas então reconheceu que agiu errado, pediu desculpa pelas redes sociais e nos encontramos algumas vezes depois. McCarthy é bonitinho, meio pateta, e um forte candidato a amigo colorido. Como mora em Boston, não tem nenhuma chance de me sufocar ou de aparecer em casa sem avisar.

É claro que McCarthy não é uma opção no longo prazo. E nem é porque meu pai ia me matar. A verdade é que não sou tão ligada nele. O cara não sabe o que é sarcasmo, e pode ser meio chato quando a língua dele não está na minha boca.

“Estou falando sério, Jensen. Não quero você mexendo com o McCarthy.”

“Recolhe essas garras, mamãe-urso. É um lance casual.”

“Casual”, ele repete. Não é uma pergunta, só quer dizer que ele não acredita em mim.

“É, casual. Quer que eu peça pra Siri definir a palavra pra você? Significa que não é sério. Nem um pouco.”

“Mas pra ele é.”

Reviro os olhos. “Bom, não tenho nada a ver com isso.”

Mas, por dentro, fico preocupada com a resposta franca de Jake. *Mas pra ele é.*

Droga. Espero que não seja verdade. Tudo bem, McCarthy me manda bastante mensagem, mas tento não dar muita corda a menos que tenha caráter sexual. Nem mando risos quando ele me envia vídeos engraçadinhos, porque não quero encorajar o garoto.

Mas... talvez eu não tenha deixado tão claro o estado da nossa situação quanto achei que tivesse.

“Estou cansado de ver McCarthy indo de lá para cá como um cachorrinho apaixonado.” Jake balança a cabeça, irritado. “Ele está acusando o golpe, e essa bobagem toda o distrai nos treinos.”

“De novo: e eu com isso?”

“Estamos no meio do campeonato. Sei o que está fazendo, Jensen, e precisa parar.”

“Parar o quê?”

“De zoar com a cabeça do McCarthy. Diz pro cara que não está a fim e que não vão se ver de novo. Fim.”

Faço um beicinho. “Ah, papai... Você é tão severo.”

“Não sou seu papai.” Seus lábios se curvam de novo. “Mas poderia ser, se quiser.”

“Afe... Não vou te chamar de ‘papai’ na cama.”

Provando que é a rainha do timing ruim, Stacy volta à mesa no exato instante em que essas palavras deixam minha boca.

Sua passada vacila. A bandeja que está carregando tremula. Talheres batem. Eu me preparo, esperando uma chuva de café quente escaldar meu rosto. Mas Stacy se recupera rápido, se endireitando antes que o desastre aconteça.

“Café e torta!” O tom dela é alto e forte, como se não tivesse ouvido nada.

“Obrigada, Stacy”, Jake diz, educado. “Desculpa a boca suja da minha namorada. Dá para ver por que não saio muito em público com ela.”

As bochechas de Stacy estão rosadas de vergonha quando vai embora.

“Você traumatizou a garota com suas fantasias sexuais bizarras”, ele me informa antes de mergulhar na torta.

“Desculpa, papai.”

Connelly ri em meio à mastigação, e migalhas voam da sua boca. Ele pega um guardanapo. “Não me chama assim em público.” Seus olhos verdes brilham travessos. “Guarda pra depois.”

A outra torta — de pecã, pelo visto — permanece intocada à minha frente. Pego o café. Preciso de outra dose de cafeína para aguçar meus sentidos. Não gosto de estar aqui com Connelly. E se alguém nos vir?

“Talvez eu guarde pra McCarthy”, contra-ataco.

“Não. Sei que não vai fazer isso.” Ele engole outro pedaço de torta. “Vai terminar com ele, lembra?”

Tá, o cara realmente precisa parar de mandar na minha vida sexual como se tivesse alguma coisa a ver com ela. “Não pode decidir as coisas por mim. Se *eu* quiser sair com McCarthy, saio. Se não quiser, não saio.”

“Tá.” Ele mastiga devagar, então engole. “Você quer sair com o McCarthy?”

“Não quero *sair*.”

“Então, ótimo. Estamos de acordo.”

Aperto os lábios antes de dar um golinho no café. “Hum... Acho que não gosto de estar de acordo com você. Talvez mude de ideia... Deveria pedir McCarthy em namoro. Sabe onde posso comprar uma aliança de compromisso?”

Jake quebra a massa da torta com o garfo. “Você não mudou de ideia. Já tinha esquecido McCarthy cinco minutos depois de ficar com ele. Só tem dois motivos pra ainda estar com o cara: ou está entediada ou tentando sabotar a gente.”

“É mesmo?”

“É. Nada prende sua atenção por tanto tempo. E conheço McCarthy, é um cara legal. Divertido, bonzinho, mas é aí que ele se dá mal. ‘Bonzinho’ não serve pra alguém como você.”

“E lá vai você, achando que me conhece.”

“Sei que você é filha de Chad Jensen. Sei que aproveitaria qualquer oportunidade para mexer com a

cabeça dos caras do time. Sei que provavelmente vamos enfrentar Briar na final em algumas semanas, e quem ganhar vai direto para o nacional...”

“E vai ser a gente”, digo.

“Quero meus garotos alertas e focados no jogo. Todo mundo diz que seu pai é capaz de qualquer coisa. Imaginei que a filha poderia ser igual.” Ele faz *tsc-tsc*, em reprovação. “E você aí, brincando com o pobrezinho do McCarthy.”

“Não estou brincando”, digo, irritada. “Às vezes, a gente fica. É legal. Ao contrário do que pensa, minhas decisões não têm nada a ver com meu pai ou com o time.”

“Bom, *minhas* decisões têm a ver com o *meu* time”, ele retruca. “E decidi que quero que fique longe da gente.” Connelly engole mais um pedaço de torta. “Porra, isso é muito bom. Quer provar?” Ele me oferece o garfo.

“Prefiro morrer a colocar a boca nesse garfo.”

Connelly só ri. “Quero experimentar a de peçã. Se importa?”

Fico olhando para ele. “Foi você que pediu essa porcaria.”

“Nossa, você está mal-humorada esta noite, gatinha. Eu também estaria, se tivesse levado bolo.”

“Não levei bolo.”

“Qual é o nome e o endereço dele? Quer que eu vá lá ensinar uma lição?”

Cerro os dentes.

Connelly pega um pedaço da torta intocada à minha frente. “Porra, essa é ainda melhor. Hum... Cara, que delícia.”

De repente, o capitão do time de hóquei de Harvard está gemendo e grunhindo de prazer como se fosse uma cena de *American Pie*. Tento não me afetar, mas aquele pedaço traidor entre minhas pernas não obedece, formigando com os ruídos sexuais de Jake Connelly.

“Posso ir agora?”, rosno. Só que, espera aí. Por que estou pedindo *permissão*? Não sou refém dele. Não posso negar que estou me divertindo um pouco, mas o cara também acabou de me acusar de dormir com os caras de Harvard para que não consigam ganhar da Briar.

Amo meu time, mas não *tanto*.

“Claro. Pode ir se quiser. Mas primeiro manda uma mensagem pro McCarthy dizendo que acabou.”

“Desculpa, mas não tenho que obedecer.”

“Tem, sim. Preciso que a cabeça de McCarthy esteja no jogo. Termina com ele.”

Levanto o queixo com teimosia. Tudo bem, preciso esclarecer as coisas com Josh. Achei que tivesse deixado claro que nosso envolvimento era apenas casual, mas pelo visto ele acha que é muito mais, se o capitão do time dele diz que está “apaixonado”.

No entanto, não quero dar a Connelly a satisfação de achar que me convenceu. Sou assim mesquinha.

“Não tenho que obedecer”, repito, colocando uma nota de cinco dólares debaixo da xícara de café pela metade.

Deve cobrir o que tomei, a gorjeta da Stacy e qualquer estresse pelo qual ela tenha passado esta noite. “Faço o que quiser com McCarthy. Talvez ligue para ele agora mesmo.”

Jack estreita os olhos. “Você é sempre difícil assim?”

“Sou.” Sorrindo, saio do banco e visto a jaqueta de couro. “Tome cuidado na viagem de volta a Boston, Connelly. Ouvi dizer que a estrada fica molhada quando chove.”

Ele ri baixo.

Puxo o zíper da jaqueta, então me inclino e falo em seu ouvido. “Ah, e Jake?” Acho que posso ouvir sua respiração falhar. “Vou guardar para você um lugar atrás do banco de reservas da Briar na final.”

2

JAKE

São umas nove e meia quando chego em casa. Nunca poderia bancar sozinho o apartamento de dois quartos que divido com Brooks Weston, que também é do time, mesmo com o belo contrato que assinei com os Oilers. Fica no alto de um prédio de quatro andares, e é ridículo: tem ilha na cozinha, *bay window*, claraboia, uma área aberta e vaga privada para a Mercedes do Brooks.

Ah, e eu não pago aluguel.

Brooks e eu nos conhecemos algumas semanas antes do primeiro ano. Foi num evento do time, um jantar do tipo “conheça seus companheiros antes que as aulas comecem”. Nos demos bem logo de cara, e, quando a sobremesa foi servida, Brooks já estava me chamando para morar com ele. O cara tinha um quarto sobrando em seu apartamento em Cambridge. E insistia que eu não precisava pagar nada.

Brooks já tinha recebido permissão para morar fora do campus, uma das vantagens de ser o filho rico de um ex-aluno cujas doações fariam muita falta caso a universidade o desagradasse. O pai de Brooks mexeu mais alguns

pauzinhos para que eu tampouco precisasse ficar no dormitório. Dinheiro realmente abre portas.

Quanto à questão do aluguel, a princípio fiquei com um pé atrás, porque nada nessa vida é de graça. Mas, quanto mais conhecia Brooks Weston, mais ficava claro que para ele *tudo* era de graça. O cara nunca precisou trabalhar um dia na vida. Tem uma poupança imensa, e tem tudo o que quer entregue em uma bandeja de prata. Os pais dele, ou um de seus funcionários, conseguiram esse apartamento e insistem em pagar o aluguel. Então, nos últimos três anos e meio, tive um vislumbre do que é ser um jovem rico em Connecticut.

Não me entenda mal, não sou um aproveitador — tentei pagar Brooks. Mas nem ele nem seus pais aceitaram nem um centavo. A sra. Weston ficou horrorizada quando levantei o assunto uma vez que vieram visitar. “Vocês precisam se concentrar nos estudos”, ela disse, “não se preocupar em pagar as contas!”

Reprimi uma risada, porque venho pagando contas desde que consigo lembrar. Tinha quinze anos quando comecei a trabalhar, e era esperado que assim que recebesse meu primeiro cheque passasse a contribuir com a casa. Fazia compras, pagava a conta do meu celular, a gasolina do carro e a TV a cabo.

Minha família não é pobre. Meu pai constrói pontes e minha mãe é cabeleireira. Dá pra dizer que estamos bem estabelecidos na classe média baixa. Nunca nadamos em dinheiro, então experimentar o estilo de vida de Brooks é

um pouco chocante. Já prometi que assim que for para Edmonton e estiver recebendo os frutos do meu contrato com a liga profissional de hóquei, a primeira coisa que vou fazer vai ser mandar um cheque para os Weston pelos mais de três anos sem pagar aluguel.

Meu celular vibra enquanto tiro meus sapatos Timberland. Eu o pego do bolso e vejo que recebi uma mensagem de Hazel, com quem jantei mais cedo em um dos refeitórios chiques da Briar.

HAZEL: *Chegou bem?? Tá chovendo mto*

EU: *Acabei de entrar. Valeu pela janta*

HAZEL: *Imagina. Te vejo sábado no jogo!*

EU: *Ótimo*

Hazel envia emojis mandando beijos. Outros caras talvez achassem que tem algo mais aí, mas não eu. Não tem nada de romântico entre a gente. Nos conhecemos desde o ensino fundamental.

“Ei!”, Weston grita da sala. “Estamos esperando você faz um tempão.”

Tiro a jaqueta molhada. A mãe de Brooks contratou um decorador antes de nos mudarmos para garantir que tivéssemos tudo aquilo em que os homens não pensam, como cabideiro, sapateira e escorredor — aparentemente homens não se importam muito com onde meter as coisas, exceto, bom, o próprio pau.

Deixo minhas coisas na entrada e pego o corredor que leva ao cômodo principal. O apartamento não tem muitas

paredes, então o pessoal do time se aperta entre a sala de estar e a de jantar, sendo que alguns poucos estão acomodados nas banquetas da bancada da cozinha.

Olho em volta. Nem todo mundo apareceu. Deixo passar, porque convoquei a reunião de última hora. Quando estava voltando de Hastings, fiquei pensando na provocação de Brenna a respeito da final e em como estou preocupado com a maneira como ela anda distraíndo McCarthy. O que me levou a considerar todas as outras distrações que poderiam nos atrapalhar. Como sou um homem de ação, mandei mensagem para todo mundo: *Reunião do time, em casa, agora.*

Mas a maior parte dos jogadores enche o lugar — somos quase vinte —, o que significa que minhas narinas são presenteadas com o aroma de diferentes sabonetes, perfumes e o cê-cê dos babacas que não tomaram banho antes de vir.

“Oi”, cumprimento. “Obrigado por virem.”

Alguns assentem, muitos dizem “beleza” e outros só grunhem.

Quem não faz nada é Josh McCarthy. Ele está apoiado na parede, perto do sofá de couro marrom, com os olhos grudados no celular. Sua linguagem corporal transmite frustração, considerando os ombros um pouco rígidos.

Brenna Jensen provavelmente mantém o cara na coleira. Tenho que lidar com minha própria frustração por conta disso. Ele não deveria estar perdendo tempo com aquilo. Está no segundo ano e até é passável, mas não é nada

perto de Brenna. A garota é um show. É de longe uma das mulheres mais gostosas em que já pus os olhos. E aquela boca... é do tipo que precisa ser silenciada de vez em quando, talvez com outra boca a pressionando... ou com um pau entrando por entre seus lábios vermelhos.

Caralho. Afasto esse pensamento. Tá, Brenna é linda, mas também é uma distração. O fato de McCarthy não ter nem levantado a cabeça desde que entrei prova isso.

Pigarreio. Alto. Ele e os outros que estão mexendo no celular levantam a cabeça para mim. “Vou ser rápido”, digo.

“É melhor mesmo”, Brooks diz do sofá. Está só de calça de moletom preta. “Deixei uma garota me esperando na cama.”

Reviro os olhos. É claro que Brooks estava comendo alguém. Ele está sempre comendo alguém. Não que eu possa falar muito. Já recebi minha cota de garotas no apartamento. Tenho pena dos vizinhos de baixo, que têm de lidar com o desfile de sapatos subindo e descendo as escadas. Para sorte deles, não damos muitas festas. É sempre uma péssima ideia — quem quer ter a casa destruída? É para isso que servem casas de fraternidade.

“Parabéns pra você”, diz Dmitry, nosso melhor defensor. “Também saí da cama por causa dessa reunião. Mas estava descansando. Porque estou *exausto*.”

“Todos estamos”, diz um ala esquerda do terceiro ano chamado Heath.

“É, cara, bem-vindo ao clube”, diz Coby, um dos veteranos do time.

Atravesso a sala e pego uma garrafa de água na cozinha. Eu sei. O último mês foi intenso. Os campeonatos de todas as conferências da nossa divisão estão no momento crucial, o que implica um mês inteiro do hóquei mais competitivo que há. Todos estamos tentando entrar direto no nacional. Se não der certo, confiamos em números bons o bastante para passar à final. A temporada toda está em jogo.

“Sim”, concordo, abrindo a garrafa. “Estamos cansados. Mal consigo manter os olhos abertos nas aulas. Meu corpo todo é um hematoma enorme. Os playoffs são o ar que eu respiro. Fico pensando em estratégia toda noite antes de dormir.” Tomo um gole de água devagar. “Mas a gente sabia que seria assim, e estamos perto da nossa recompensa. A partida contra Princeton vai ser a mais dura que enfrentamos até agora nesta temporada.”

“Não estou preocupado com Princeton”, Coby diz, sorrindo com arrogância. “Já ganhamos deles este ano.”

“No comecinho da temporada”, aponto. “Eles embalaram depois daquilo. Ganharam fácil da Union nas quartas.”

“E daí?” Coby dá de ombros. “Também ganhamos.”

Ele está certo. No fim de semana passado jogamos bem como nunca. Mas estamos nas semifinais agora. A coisa é séria.

“Já passamos da fase de melhor de três”, lembro. “É um jogo só. Se perdermos, caímos fora.”

“Perder, depois da temporada que fizemos?”, diz Dmitry. “Vamos para o nacional mesmo se não avançarmos à final da conferência.”

“Apostaria toda a temporada nisso?”, eu o desafio. “Não prefere ter a classificação garantida?”

“Claro, mas...”

“Mas nada”, corto. “Não vou apostar nossas chances na *possibilidade* de que nosso desempenho este ano tenha sido bom o bastante para irmos ao nacional. Prefiro acabar com Princeton este fim de semana. Entendido?”

“Sim, senhor”, Dmitry murmura.

“Sim, senhor”, alguns dos mais jovens ecoam.

“Já falei que não precisam me chamar de ‘senhor’. Jesus...”

“Quer que a gente te chame de Jesus?”, Brooks pergunta, então pisca inocentemente.

“Não, só quero que ganhem. Quero que *a gente* ganhe.” E estamos tão perto que quase posso sentir o gosto da vitória.

Faz... porra, nem sei quantos anos faz que Harvard não ganha o nacional universitário. Não foi na minha época, pelo menos.

“Quando foi a última vez que ganhamos o campeonato?”, pergunto a Aldrick, nosso especialista em estatística. O cara é uma enciclopédia. Sabe todas as

curiosidades que há sobre hóquei, até mesmo as mais insignificantes.

“Foi em 1989”, ele diz.

“Foi em 1989”, repito. “Faz quase trinta anos que não somos campeões nacionais. Não estou falando de ganhar o regional. Não estou falando de sermos campeões de conferência. Temos que mirar no prêmio máximo.”

Passo os olhos pela sala de novo. Para minha irritação, McCarthy está de novo conferindo o celular, sem nem disfarçar.

“Cara, tem ideia do que estavam fazendo com meu pau quando você mandou a mensagem sobre esta reunião?”, Brooks diz. “Envolvia calda de chocolate.”

Alguns caras vibram.

“E tudo o que você queria era fazer esse discurso tirado diretamente do filme *Desafio no gelo*? Porque a gente já sabia”, Brooks continua. “Precisamos ganhar.”

“Precisamos mesmo. E o que *não* precisamos é de distrações.” Lanço um olhar afiado para Brooks, então o direciono a McCarthy.

O garoto fica visivelmente assustado. “O que foi?”

“Estou falando com você também.” Fixo meus olhos nos dele. “Para de bobeira com a filha do Chad Jensen.”

Ele parece chocado. Não me sinto mal em falar sobre os dois na frente dos outros, porque tenho certeza de que todo o time — e todo o mundo — já sabe. McCarthy tem orgulho de seu relacionamento com Brenna. Não é tão descuidado a ponto de falar sobre isso para se tornar

conversa de vestiário, mas também não para de falar como acha a garota linda.

“Olha, não costumo controlar o pau de vocês, mas estamos falando de algumas poucas semanas. Tenho certeza de que dá pra segurar.”

“Então ninguém pode se dar bem?”, diz chocado um cara do terceiro ano chamado Jonah. “Porque, se fosse o caso, gostaria que *ocê* ligasse pra minha namorada pra contar.”

“Boa sorte, capitão. Vi é ninfomaníaca”, Heath diz com uma risadinha, se referindo à namorada de longa data de Jonah.

“Espera um segundo. Você não saiu do bar com uma ruiva gostosa na outra noite?”, Coby pergunta. “Porque não parece que você está pondo isso em prática também, cara.”

“Hipocrisia é a muleta do diabo”, Brooks diz, solene.

Reprimo um suspiro e levanto uma mão para silenciar a galera. “Não estou dizendo que ninguém pode trepar. Só estou proibindo distrações. Se não conseguir lidar com o lance, evita. Jonah, você e a Vi sempre pareceram dois coelhos e isso nunca afetou seu desempenho no gelo. Então por mim podem continuar. Mas você...” Volto a olhar com severidade para McCarthy. “Você se saiu mal nos treinos a semana inteira.”

“Não é verdade”, ele contesta.

Nosso goleiro, Johansson, decide falar. “Você não acertou um tiro a gol hoje de manhã.”

McCarthy fica estupefato. “Porque você defendeu. Vou ouvir merda porque você é um bom goleiro?”

“Você é nosso principal pontuador depois do Jake”, Johansson diz, dando de ombros. “Deveria ter conseguido acertar alguns.”

“Como um dia ruim pode ser culpa de Brenna? Eu...” Ele para de repente e desvia os olhos para o celular na mão. Imagino que deve ter recebido uma notificação.

“Cara, você acabou de provar o ponto do Connelly”, um atacante chamado Potts diz a McCarthy. “Guarda esse celular. Alguns de nós querem que essa reunião acabe pra poder ir pra casa abrir uma cerveja.”

Viro a cabeça na direção de Potts. “Falando em cerveja... Você e Bray estão oficialmente banidos de festas de fraternidade até segundo aviso.”

Will Bray fica contrariado. “Qual é, Connelly?”

“Sei que jogos envolvendo bebida são divertidos, mas vocês dois precisam dar um tempo. Porra, Potts está até com uma barriguinha de cerveja.”

Todos os olhos na sala vão direto para o abdome dele. No momento está coberto pelo moletom com bolso canguru grosso de Harvard, mas vi o cara no vestiário outro dia. Sei o que tem por baixo.

Brooks faz *tsc-tsc* pra mim. “Não consigo acreditar que você está fazendo Potts se sentir mal pelo corpo que tem.”

Franzo a testa para meu colega de quarto. “Não estou fazendo nada disso. Só estou apontando que toda a cerveja o deixa mais lento no gelo.”

“É verdade”, Potts diz, desanimado. “Ando péssimo.”
Alguém desdenha.

“Você não anda péssimo”, garanto. “Mas dispensar a cerveja por algumas semanas só vai te fazer bem. E você...” É a vez de Weston. “É hora de um pouco de abstinência da sua parte também.”

“Foda-se. É o sexo que garante meus superpoderes.”

Reviro os olhos. Faço bastante disso com Brooks por perto. “Não estou falando de sexo. Estou falando das festinhas.”

O maxilar dele fica tenso no mesmo instante. Sabe exatamente do que estou falando, assim como os outros caras do time. Não é nenhum segredo que Brooks gosta de curtir drogas recreativas em festas. Um baseado aqui, uma carreira ali. Ele é cuidadoso com relação a quando e quanto, e imagino que ajude o fato de a cocaína só ficar no sangue por quarenta e oito horas.

Isso não quer dizer que eu tolere esse tipo de coisa. Porque não tolero. Mas dizer a Brooks o que fazer é quase tão eficiente quanto falar com uma parede. Uma vez ameacei contar tudo ao técnico, e Brooks disse que eu podia ir em frente. Ele joga hóquei porque é divertido, não porque ama o jogo e quer ser profissional. Desistiria do esporte em um minuto, e ameaças não funcionam com quem não tem nada a perder.

Brooks não é o primeiro a usar drogas de vez em quando e não vai ser o último. Mas parece mesmo que é

puramente recreativo, e ele nunca usa em dia de jogo. Só que depois... Vale tudo.

“Se você for pego usando ou no antidoping, sabe o que acontece. Então, parabéns, você vai ficar limpo até o campeonato terminar”, informo. “Entendeu?”

Depois de um longo e tenso minuto, ele movimenta a cabeça em concordância. “Entendi.”

“Ótimo.” Volto a me dirigir aos outros. “Vamos focar em vencer Princeton no fim de semana. Todo o resto é secundário.”

Coby abre um sorriso convencido para mim. “E do que é que você vai abrir mão, capitão?”

Franzo o cenho. “Do que está falando?”

“Você convocou esta reunião. Disse ao pobre do McCarthy que não pode mais trepar, colocou Weston na abstinência e mandou Potts e Bray pararem com a cerveja. O que *você* vai fazer pelo time?”

O apartamento fica em silêncio.

Por um segundo, fico sem fala. Ele está falando sério? Marco pelo menos um gol por jogo. Se alguém mais marca, em geral foi com uma assistência minha. Sou o patinador mais rápido da Costa Leste, e um ótimo capitão.

Abro a boca para responder quando Coby começa a rir.

“Você precisava ver sua cara.” Ele sorri para mim. “Relaxa. Você já faz o bastante. É o melhor capitão que já tivemos.”

Muitos outros concordam.

Relaxo. Mas Coby tem razão. “Olha, não vou pedir desculpas por querer que estejamos todos focados, mas sinto muito por ser duro com vocês. Especialmente com você, McCarthy. Só estou pedindo para manter a cabeça no jogo. Podemos fazer isso?”

Cerca de vinte cabeças assentem para mim.

“Ótimo.” Bato palmas. “Podem ir agora. Vão dormir e estejam em seu melhor no treino de amanhã de manhã.”

A reunião acaba e o grupo dispersa. De novo, nossos vizinhos são forçados a ouvir a movimentação, agora os passos pesados de duas dúzias de jogadores de hóquei descendo as escadas.

“Posso voltar pro quarto agora, papai?”, Brooks pergunta, sarcástico.

Sorrio para ele. “Claro, filho. Eu tranco a porta.”

Brooks me mostra o dedo do meio e corre para o quarto. McCarthy se demora à porta, esperando por mim.

“O que eu digo a Brenna?”, ele pergunta.

Não sei dizer se está bravo, porque sua expressão não revela nada. “Diz que precisa se concentrar no campeonato. Que vocês podem sair quando a temporada terminar.”

Vocês nunca mais vão sair.

Não tenho coragem de falar isso, mas sei que é verdade. Brenna Jensen nunca aceitaria ser deixada “de lado” por ninguém, quanto mais um jogador de Harvard. Se McCarthy terminar com ela, mesmo que apenas temporariamente, vai ser permanente.

“Briar ganhou três campeonatos nacionais na última década”, digo apenas. “Enquanto isso, cá estamos nós, sem ganhar nenhum. É inaceitável. O que é mais importante pra você: trepar loucamente com Brenna Jensen ou ganhar do time dela?”

“Ganhar do time dela”, ele diz imediatamente.

Sem hesitar. Gosto disso. “Então vamos fazer isso. Faça o que precisa fazer.”

McCarthy assente e vai embora. Tranco a porta quando sai.

Talvez eu me sinta um pouco mal a respeito. Mas qualquer um consegue ver que ele e Brenna não estão destinados a ficar juntos. Ela mesma disse isso.

Só estou acelerando o inevitável.

BRENNNA

“Onde você esteve? Liguei três vezes, Brenna.”

O tom brusco do meu pai sempre me deixa tensa. Ele fala comigo do mesmo jeito que fala com seus jogadores — de um jeito seco, impaciente e implacável. Gostaria de dizer que sempre foi assim, que ele latiu e rosnou para mim a vida inteira. Mas seria mentira.

Meu pai nem sempre se precipitava assim comigo. Minha mãe morreu em um acidente de carro quando eu tinha sete anos, o que fez com que ele assumisse a função materna também. E era bom nos dois papéis. Falava comigo com amor e ternura no rosto e na voz. Me colocava em seu colo, bagunçava meu cabelo e dizia: “Me conta como foi a escola hoje, princesa”. Ele sempre me chamava assim.

Mas isso faz muito tempo. Agora, sou só Brenna, e não consigo lembrar a última vez que associei “amor” ou “ternura” ao meu pai.

“Eu estava voltando pra casa na chuva”, respondo. “Não podia atender.”

“Voltando de onde?”

Tirei as botas no corredor bagunçado do porão onde moro. Alugo essa espécie de apartamento subterrâneo de Mark e Wendy, um casal simpático que viaja bastante. Como tenho uma entrada separada, posso ficar semanas sem encontrar os dois.

“Da lanchonete. Fui tomar um café com um amigo”, digo.

“Assim tarde?”

“Tarde?” Viro o pescoço para a cozinha que é ainda menor que o corredor e confiro as horas no relógio do micro-ondas. “Não são nem dez.”

“Não tem uma entrevista amanhã?”

“E daí? Acha que porque cheguei em casa às nove e meia não vou acordar com o despertador?” Não consigo evitar o sarcasmo. Às vezes, é difícil não ser tão agressiva com meu pai quanto ele é comigo.

A provocação é ignorada. “Falei com Stan Samuels hoje”, ele diz. “É operador de controle mestre e um cara muito confiável.” A voz do meu pai fica rouca. “Avisei que você iria amanhã e falei bem de você.”

Eu me derreto um pouco. “Ah. Que legal da sua parte. Obrigada.” Algumas pessoas ficariam incomodadas com isso, mas não tenho problema nenhum em usar os contatos do meu pai para conseguir o estágio. A concorrência é altíssima e, embora eu esteja mais do que qualificada — me matei para isso —, tenho a desvantagem de ser mulher. Infelizmente, é uma área dominada pelos homens.

O curso de TV da Briar prevê estágio no último ano, mas quero me adiantar aos outros. Se conseguir um estágio de férias na HockeyNet, há uma grande chance de poder continuar quando chegar a hora do estágio obrigatório. Isso não só representaria uma vantagem em relação aos meus colegas, mas uma possibilidade de ser contratada assim que me formar.

Meu objetivo sempre foi trabalhar como jornalista esportiva. Sim, a HockeyNet só tem uma década de existência (e a originalidade devia estar em falta quando escolheram esse nome), mas o canal cobre exclusivamente hóquei, e seu lançamento tapou um buraco profundo no mercado da cobertura esportiva. Vejo a ESPN religiosamente, mas uma das minhas maiores reclamações é a cobertura deficiente desse esporte. O que é notório. Quer dizer, na teoria, o hóquei é o quarto maior esporte do país, mas as maiores redes de televisão o tratam como se fosse menos importante que Nascar, tênis ou — credo — golfe.

Sonho em aparecer na tela sentada à mesa-redonda com todos aqueles comentaristas, mostrando os destaques, analisando jogos, fazendo previsões. O jornalismo esportivo é um caminho difícil para uma mulher, mas sei tudo de hóquei e estou confiante para a entrevista amanhã.

“Depois me conta como foi”, meu pai pede.

“Conto, sim.” Enquanto caminho pela sala, sinto a meia do pé esquerdo molhar e solto um gritinho.

Meu pai fica preocupado na hora. “Tudo bem aí?”

“Desculpa, está tudo bem. É só o tapete molhado. Devo ter derramado alguma coisa...” Paro quando noto uma pequena poça em frente à porta de correr que dá para o quintal. Ainda está chovendo lá fora, as gotas batendo em ritmo constante nas pedras do chão. “Droga. Está acumulando água na porta dos fundos.”

“Isso não é bom. Do que se trata? O escoamento está levando a água para dentro?”

“Como vou saber? Acha que estudei o escoamento antes de mudar?” Ele não consegue me ver revirando os olhos, mas faço o meu melhor para que perceba a minha reação na minha voz.

“De onde vem a umidade?”

“Já falei, está perto da porta de correr.” Contorno a sala, o que leva cerca de três segundos. Só está molhado perto da porta.

“Certo. É um bom sinal. Significa que provavelmente não é o encanamento. Mas se é o escoamento de água pluvial, pode haver vários culpados. A entrada da garagem é pavimentada?”

“É.”

“Os proprietários talvez tenham que considerar drenagem artificial. Ligue para eles amanhã e peça que verifiquem isso.”

“Tá bom.”

“Estou falando sério.”

“E eu disse ‘tá bom’.” Sei que meu pai está tentando ser prestativo, mas por que sempre tem que usar esse tom comigo? Tudo com Chad Jensen é uma ordem, nunca uma sugestão.

Ele não é um cara ruim, eu sei. Só é superprotetor, e houve um tempo em que tinha motivo para tanto. Mas estou morando sozinha há três anos. Posso cuidar de mim mesma.

“Você vai ao jogo no sábado, certo?”, meu pai pergunta, brusco.

“Não posso”, digo, genuinamente triste de perder uma partida tão importante. Mas planejei outra coisa há eras. “Vou visitar Tansy, lembra?” Ela é minha prima favorita, filha da irmã mais velha do meu pai, Sheryl.

“É esse fim de semana?”

“É.”

“Está bem. Mande oi por mim. Diga que espero ver Tansy e Noah na Páscoa.”

“Pode deixar.”

“Você vai dormir lá?” A pergunta é feita num tom cortante.

“Duas noites, na verdade. Vou para Boston amanhã e volto no domingo.”

“Não faça...” Ele para.

“Não faça o quê?” Desta vez, o tom cortante é meu.

“Não faça nada impensado. Não beba demais. Seja responsável.”

Gosto que não diga “Simplesmente não beba”, mas isso provavelmente é só porque sabe que não tem como me impedir. Depois que fiz dezoito anos, meu pai não podia mais me forçar a voltar para casa em determinado horário ou a seguir suas regras. Quando fiz vinte e um, já não podia mais me impedir de tomar uma bebida ou duas.

“Vou ficar bem”, prometo, porque é a única coisa que posso prometer com segurança.

“Bren”, ele diz, então para de novo.

Sinto que a maior parte das minhas conversas com meu pai é assim. Começa e para. Queremos dizer alguma coisa, mas não dizemos. É muito difícil estabelecer qualquer tipo de conexão com ele.

“Pai, podemos desligar agora? Quero tomar um banho quente e me arrumar pra dormir. Tenho que acordar cedo amanhã.”

“Tudo bem. Depois me diga como foi a entrevista.” Ele faz uma pausa. Quando fala de novo, é para me encorajar, o que é raro. “Vai se sair bem.”

“Obrigada. Boa noite, pai.”

“Boa noite, Brenna.”

Desligo e faço exatamente o que disse — tomo um banho escaldante, porque a caminhada de vinte minutos na chuva me deixou morrendo de frio. Estou mais vermelha que uma lagosta quando saio do box apertado. O pequeno cômodo não tem banheira, o que é uma pena. Banhos quentes de banheira são incríveis.

Não gosto de dormir de cabelo molhado, então me seco rapidamente e vou até a cômoda atrás do meu pijama mais quente. Pego uma calça xadrez e uma camiseta de manga comprida com o símbolo da Briar. Porões costumam ser frios, e o meu não é exceção. É uma surpresa não ter pegado pneumonia nos sete meses em que moro aqui.

Quando entro debaixo das cobertas, desconecto o celular do carregador e vejo que Summer ligou. Desconfio que vai ligar de novo se eu não ligar, provavelmente cinco segundos depois que eu dormir, então ligo para ela antes que estrague uma boa noite de sono.

“Está brava comigo?”, é como ela me cumprimenta.

“Não.” Eu me encolho de lado, com o celular apoiado no ombro.

“Mesmo eu tendo marcado o encontro com Jules e dito que ele era legal?” Sua voz está cheia de culpa.

“Sou adulta, Summer. Você não me forçou a aceitar.”

“Eu sei. Mas me sinto péssima. Não acredito que ele não apareceu.”

“Não esquenta. Não estou nem um pouco chateada. Provavelmente me livrei de uma boa.”

“Então tá.” Ela parece aliviada. “Vou encontrar alguém melhor pra você.”

“Não vai, não”, digo, animada. “Está oficialmente dispensada de seus deveres de casamenteira. Que foram concedidos por você mesma, aliás. Confia em mim, não tenho nenhuma dificuldade em conhecer caras.”

“Você pode ser ótima em conhecer, mas em sair é péssima.”

Protesto na hora. “Porque não estou a fim de sair com ninguém.”

“Por que não? Namorar é superlegal.”

Talvez, se seu namorado for Colin Fitzgerald. Summer está saindo com um dos caras mais gente fina que já conheci. Inteligente, bonzinho, esperto e lindo pra caralho.

“Você e o Fitzzy ainda estão obcecados um pelo outro?”

“*Totalmente.* Ele aguenta minhas maluquices e eu aguento as nerdices dele. Fora que é o melhor sexo do mundo.”

“Aposto que Hunter adora isso”, digo, seca. “Espero que você não seja do tipo que grita.”

Hunter Davenport mora com Summer e Fitz, e foi recentemente rejeitado por ela. Summer topou sair com ele uma vez, mas em seguida se deu conta de que seus sentimentos pelo outro eram fortes demais para ignorar. Hunter não levou isso numa boa.

“Nossa, você não tem ideia de como é difícil tentar ficar quieta enquanto Fitz faz sua magia mágica com meu corpo”, Summer diz com um suspiro.

“Magia mágica?”

“É, magia mágica. Mas se estiver preocupada que Hunter esteja deitado na cama ouvindo a gente e chorando inconsolável, não precisa. Ele traz uma garota diferente a cada noite.”

“Bom pra ele.” Dou uma risadinha. “Aposto que Hollis está morrendo de inveja.”

“Não sei nem se Mike notou. Está ocupado demais chorando por você.”

“Ainda?” Droga. Imaginei que já tivesse passado.

Fecho os olhos por um momento. Já fiz muita coisa idiota na vida, mas ficar com Mike Hollis foi a pior. Estávamos os dois muito bêbados, então só demos uns pegas descuidados e eu dormi enquanto batia uma pra ele. Definitivamente não foi meu melhor momento, nem foi memorável. Não sei por que o cara gostaria de repetir aquilo.

“Ele está apaixonado”, Summer confirma.

“Vai passar.”

Summer ri, mas seu bom humor morre rápido. “Hunter está sendo muito babaca com a gente”, ela admite. “Quando não está trepando com qualquer uma que use saia.”

“Acho que ele gostava de verdade de você.”

“Sinceramente? Acho que não é por minha causa. É mais o Fitz.”

“Entendo total que ele queira pegar o cara”, digo, solene. “Quer dizer, quem não quer?”

“Não, sua pentelha. Fitz mentiu na cara dura quando Hunter perguntou se ele gostava de mim. O cara vê isso como uma traição.”

“E é mesmo”, tenho que admitir. “Especialmente considerando que os dois são colegas de time.”

“Eu sei. Fitz diz que os treinos têm sido tensos.” Summer geme. “E se afetar o desempenho deles na semi, Bee? E se Yale for pra final?”

“Meu pai vai dar um jeito neles”, garanto a ela. “E pode dizer o que quiser sobre Hunter, mas ele gosta de vencer nos jogos. Não vai deixar que uma briguinha por causa de uma garota — sem ofensa — o distraia.”

“Será que eu devia...”

Sua pergunta é interrompida por uma vibração no meu ouvido.

“O que foi isso?”

“Mensagem de texto”, explico. “Desculpa, pode continuar. O que você estava dizendo?”

“Eu estava pensando se devia falar com ele.”

“Não acho que vá fazer diferença. O cara é teimoso. Mas uma hora vai crescer e superar.”

“Espero que sim.”

Conversamos por mais um tempo, até que minhas pálpebras começam a pesar. “Summer. Tenho que dormir agora. Tenho aquela entrevista amanhã cedo.”

“Tá bom. Me liga amanhã. Te amo.”

“Também te amo.”

Estou prestes a desligar o abajur quando me lembro da mensagem recebida. Clico no aplicativo e estreito os olhos quando vejo o nome de McCarthy.

Oi, B. Foi mto legal curtir com vc, mas preciso parar por um tempo. Pelo menos até o fim do campeonato. Tenho que focar no jogo, sabe? Te ligo qd tudo acalmar. Bjs

Meu queixo cai. É uma brincadeira?

Releio a mensagem, e é aquilo mesmo. McCarthy terminou comigo.

Parece que Jake Connelly acaba de declarar guerra.

BRENNNA

Na maior parte das situações, consigo manter o controle. Nunca sofri de ansiedade e nada me assusta de verdade, nem mesmo meu pai, que é conhecido por fazer homens adultos chorarem só com um olhar. E não é exagero, já vi acontecer.

Mas esta manhã minhas mãos estão suando e meu estômago não para de se revirar, tudo graças a um executivo da HockeyNet totalmente desconcertante, Ed Mulder. Ele é alto, careca e assustador, e a primeira coisa que faz depois de apertar minha mão é perguntar por que uma garota bonita como eu está se candidatando para um trabalho *atrás* das câmeras.

Tento não fazer careta diante do comentário machista. Tristan, que é assistente de um professor da Briar, foi estagiário aqui e me avisou que Mulder é um babaca completo. Ele também disse que os estagiários não respondem diretamente para o cara, o que significa que não vou precisar lidar com ele se passar pela entrevista. É só um obstáculo que preciso ultrapassar para chegar até o estágio.

“Bom, como minha carta de apresentação diz, no futuro gostaria de ser comentarista ou repórter, mas espero adquirir experiência nos bastidores também. Vou me formar em rádio e TV na Briar, como você já sabe. No ano que vem tenho estágio curri...”

“É um trabalho não remunerado”, ele interrompe. “Tem consciência disso?”

Sou pega de guarda baixa. Minhas mãos estão escorregadias quando as esfrego, então as apoio nos joelhos. “Ah. Hum. Sim, eu sei.”

“Ótimo. Os candidatos homens costumam já saber dos detalhes quando chegam, mas as mulheres às vezes esperam um salário.”

Está decidido, ele é totalmente machista. E o comentário nem faz sentido. O anúncio no site especificava claramente de que se tratava de um estágio não remunerado. Por que os homens esperariam uma coisa e as mulheres outra? Ele está sugerindo que as mulheres nem leem o anúncio direito? Ou que não sabem ler de modo geral?

Gotas de suor escorrem pela minha nuca. Não estou no meu melhor agora.

“Então. Brenda. Me fale sobre você.”

Engulo em seco. O cara me chamou de Brenda. Devo corrigir?

É claro que deve. Foda-se esse cara. Ele não vale nada. A Brenda confiante — ou melhor, a Brenna — eleva sua cabeça espetacular.

“Na verdade, é Brenna”, digo, com delicadeza. “Acho que tenho tudo a ver com este lugar. Para começar, amo hóquei. É...”

“Seu pai é Chad Jensen.” Seu queixo sobe e desce, e eu percebo que está mascando chiclete. Quanta classe.

Respondo num tom cuidadoso. “Isso.”

“Técnico campeão. Ganhou vários títulos universitários.”

Assinto. “Ele é muito bom no que faz.”

Mulder assente de volta. “Deve ter orgulho dele. Qual você diria que é sua principal qualidade, além de ter um pai quase famoso?”

Me forço a ignorar o tom malicioso de sua pergunta e digo: “Sou esperta. Não tenho dificuldade de tomar decisões em situações difíceis. Lido bem com a pressão. E, mais que tudo, amo o esporte de verdade. Hóquei é...”.

Eeeee, ele não está mais me ouvindo.

Seus olhos foram para o computador. Mulder mastiga o chiclete como um cavalo comendo aveia. A janela atrás da mesa dele reflete a tela de maneira difusa, me permitindo um vislumbre... ele está em um fantasy game de hóquei? E acho que é o da ESPN.

Ele me olha de repente. “Pra quem você torce?”

Franzo a testa. “Universitário ou...”

“Profissional”, ele me interrompe, impaciente. “Pra quem você torce, Brenda?”

“Brenna”, digo, por entre os dentes cerrados. “E torço para os Bruins, claro. E você?”

Mulder desdenha da minha resposta. “Oilers. Sou canadense dos pés à cabeça.”

Finjo interesse. “Ah, que legal. De Edmonton?”

“Isso.” Os olhos dele voltam para a tela. Em um tom de voz distraído, ele diz: “Qual você diria que é sua maior fraqueza, além de ter um pai quase famoso?”.

Engulo uma resposta atravessada. “Posso ser impaciente às vezes”, confesso, porque de jeito nenhum vou fazer aquela babaquice de dizer que minha maior fraqueza é me preocupar ou trabalhar demais. Afe...

A atenção de Mulder volta para o joguinho dele. O silêncio recai sobre o escritório espaçoso. Me remexo irritada na cadeira e olho a vitrine onde estão expostos todos os prêmios que o canal ganhou ao longo dos anos, além da parafernália de inúmeros jogadores de hóquei. Tem muita coisa dos Oilers, noto.

Na parede oposta, duas telas grandes mostram programas diferentes: os destaques do fim de semana da liga profissional e um ranking com as dez melhores temporadas de novatos de todos os tempos. Queria que as TVs não estivessem no mudo. Pelo menos poderia ouvir algo interessante enquanto sou ignorada.

A frustração sobe pela minha coluna como uma trepadeira e se enrosca na minha garganta. Ele não está prestando um pingão de atenção em mim. Ou é o pior entrevistador do planeta, ou um cretino mal-educado ou nem está me considerando de verdade para a vaga.

Mas também pode ser D) todas as anteriores.

Tristan estava errado. Ed Mulder não é um babaca — é um cretino da pior espécie. Infelizmente, estágios bons e interessantes em grandes canais como a HockeyNet não aparecem todo dia. Não há muita oferta no mercado. E não sou tão inocente a ponto de achar que Mulder seja um caso especial. Muitos professores e professoras me alertaram para o fato de que o jornalismo esportivo não recebe bem as mulheres.

Vou encontrar caras como Mulder por toda a carreira. Perder o controle ou simplesmente ir embora não vai me ajudar a atingir meus objetivos. E, se bobear, vai “provar” o pensamento misógino dele de que as mulheres são emotivas demais, fracas demais, não contam com as ferramentas necessárias para sobreviver no mundo dos esportes.

“Então.” Pigarreio. “Qual vai ser exatamente meu trabalho caso consiga o estágio?” Já sei a resposta — praticamente memorizei o anúncio, sem mencionar o interrogatório digno da CIA que fiz com Tristan. Mas é melhor fazer algumas perguntas, já que Mulder não está interessado em se ocupar disso.

Ele levanta a cabeça. “Temos três vagas no departamento de produção. Sou o chefe.”

Me pergunto se Mulder sabe que não respondeu a pergunta. Solto o ar com calma. “E quanto ao trabalho?”

“É bem intenso”, ele responde. “O estagiário tem que fazer compactos, separar os melhores momentos, ajudar a produzir teasers e takes suplementares. Ele participa de

reuniões de produção, dá ideias de matérias...” Mulder deixa a frase morrer no ar enquanto clica algumas vezes no mouse.

É o trabalho perfeito para mim. Quero isso. *Preciso* disso. Mordo a bochecha por dentro, me perguntando como posso reverter essa entrevista horrorosa a meu favor.

Não consigo. Há uma batida forte na porta, e ela se abre antes que Mulder possa dizer alguma coisa. Um homem animado com barba malcuidada entra voando no escritório.

“Roman McElroy acabou de ser preso por violência doméstica!”

Mulder se levanta da cadeira de couro. “Está brincando comigo?”

“Tem um vídeo rolando na internet. Não da mulher apanhando, mas da prisão.”

“Algum outro canal já deu?”

“Não.” O cara de barba pula como uma criança em uma loja de brinquedos, embora não possa ter menos do que cinquenta e cinco anos.

“Quem pode dar a notícia?”, Mulder pergunta, já a caminho da porta.

“Georgia acabou de chegar...”

“Não”, o chefe interrompe. “Não a Barnes. Ela vai tentar dar um jeito de incluir alguma besteira feminista nessa história. Quem mais?”

Mordo o lábio para não dar uma resposta atravessada. Georgia Barnes é uma das duas comentaristas da HockeyNet, e é *ótima*. Seus comentários são sempre certos.

“Kip Haskins e Trevor Trent. Mas estão ao vivo agora.”

“Dane-se. Faça o Gary escrever qualquer coisa, então Kip e Trevor podem conversar a respeito e destrinchar o vídeo da prisão quadro a quadro. Quero o programa inteiro sobre essa coisa do McElroy.” Mulder para à porta, quando se lembra da minha existência. “Terminamos isso na segunda.”

Meu queixo cai. “Desculpa, mas... como?”

“Volte na segunda”, ele rosna. “Estamos lidando com uma matéria exclusiva importantíssima aqui. A notícia não espera por ninguém, Brenda.”

“Mas...”

“Segunda, às nove.” E ele vai embora.

Fico olhando incrédula para a porta sem ninguém. O que acabou de acontecer? Primeiro, ele abriu a entrevista com um monte de comentários machistas, então não ouviu nem uma palavra do que eu disse, e agora me abandona no meio da entrevista? Entendo que um jogador de hóquei profissional ser preso por violência domiciliar é uma notícia importante, mas... não posso voltar na segunda. Tenho aula. Tristan me avisou sobre Mulder, mas o cara pareceu ainda pior do que eu esperava.

Pego minha bolsa, raivosa, e levanto. Foda-se. Não vou voltar na segunda. Não vou deixar esse cretino...

É seu estágio dos sonhos, lembro a mim mesma, então repito a frase de novo e de novo na minha cabeça. A ESPN e a HockeyNet são os dois maiores canais do país em termos de cobertura de hóquei. E a ESPN não está contratando.

Portanto...

Acho que vou ter que faltar à aula segunda.

Rochelle, a recepcionista loira e bonita de Mulder, levanta os olhos de sua mesa quando chego. Ela remarca a entrevista oficialmente e saio do prédio da HockeyNet com uma sensação horrível na boca do estômago.

Pela primeira vez em muito tempo não está chovendo, então chamo um Uber e fico esperando na rua. Ligo para minha prima enquanto isso. “Oi”, digo quando Tansy atende. “Saí da entrevista.”

“Já?”

“Pois é.”

“Como foi?”

“Um desastre completo. Depois te conto direito. Acabei de pedir um Uber. Posso ir direto pro seu dormitório?” O plano era que eu ficasse lá sozinha enquanto Tansy estivesse em aula.

“Claro. Deixei minha chave com a responsável pelo andar. Ela fica no 404. Bate lá pra pegar a chave e depois vai pro meu quarto. É o 408.”

“Beleza.” Volto a olhar para o prédio alto do qual acabei de sair, com janelas brilhantes, lobby de vidro e o enorme logo da HockeyNet, em vermelho e branco. Solto um

suspiro. “Espero que esteja pronta para encher a cara esta noite, porque preciso beber para esquecer essa entrevista.”

“Te odeio muito. Como consegue estar sempre linda sem nem tentar?”, Tansy me diz mais tarde.

Estamos no apartamento dela no Walsh Hall, um dos prédios residenciais do Boston College. Tansy mora com outras três garotas, dividindo o quarto com Aisha, que foi visitar os pais em Nova York esse fim de semana. Aisha é das minhas, porque transformou sua escrivaninha em uma penteadeira. Eu faria a mesma coisa em casa se tivesse uma. Sempre preferi fazer a lição de casa esticada na cama ou no sofá.

Sorrio para o reflexo de Tansy no enorme espelho de Aisha, então continuo passando rímel nos cílios superiores. “Estou me maquiando”, digo. “Isso é tentar.”

Ela grunhe. “Chama isso de maquiagem? Você só passa um pouco de corretivo e rímel. Não conta.”

“E batom”, eu a lembro.

“E batom”, ela consente, então revira os olhos para mim. “Sabe que existem outras cores além de vermelho nesse mundo vasto e maravilhoso, né?”

“Vermelho é a minha cor.” Aperto os lábios para ela, então mando um beijinho no ar. “Uma amiga da Briar diz que é minha marca registrada.”

“Verdade. Nem consigo lembrar a última vez que te vi sem. Talvez na manhã de Natal.” Ela faz uma pausa. “Não, espera, estávamos as duas de batom vermelho, pra

combinar com o chapéu de Papai Noel. Mas eu fiquei péssima. Lembro bem. Não posso usar batom vermelho.”

“Temos o mesmo tom de pele, Tans. É claro que pode.”

“Não, quero dizer em termos morais. É preciso ter certo grau de ousadia pra sustentar o vermelho.”

Ela não está errada. É um visual que requer confiança. Ironicamente, também é o visual que *me dá* confiança. Sei que parece absurdo, mas me sinto invencível toda vez que passo batom vermelho.

“Posso te emprestar um pouco da minha ousadia, se quiser”, ofereço.

Tansy franze o nariz ao rir. O piercing prateado em sua narina esquerda reflete a luz e parece brilhar. “Ah, valeu, Bee. Sabia que havia um motivo para você ser minha prima preferida.”

“Bom, as outras não são exatamente candidatas à altura. Leigh e Robbie são religiosas demais. E não vou nem começar a falar de Alex.”

Ambas sorrimos. Alex é filha de tio Bill e incrivelmente irritante.

Ouçó o toque de mensagem recebida no meu celular. “Pode ver pra mim?” Meu celular está sobre a mesa de Tansy, mais perto dela.

Ela se estica da cama. “Alguém chamado BG diz que sente sua falta. Ele usou uma centena de ‘As’ e cinco, não, seis, coraçõezinhos. E é o coraçõezinho vermelho, o que significa que está falando sério. Então. Quem é BG e por que não me contou dele?”

Morro de rir. “BG é abreviação de Barbie de Greenwich. É como chamo minha amiga Summer. É uma garota rica de Connecticut.”

“Mentira. Nunca ouvi você falando de uma Summer”, Tansy acusa.

“Ela se transferiu para a Briar no começo de janeiro.” Enfio o pincel no tubo de rímel e fecho a tampa. “A garota é doida, no bom sentido. É muito engraçada e está sempre animada. Mal posso esperar pra vocês se conhecerem.”

“Você marcou alguma coisa com ela nesse fim de semana?”

“Infelizmente, não. Ela vai ser uma boa namorada e apoiar o time de hóquei da Briar na semi contra Yale amanhã à noite. O namorado dela é do time.”

“E por que ela está com tanta saudade?”

“A gente não sai desde o fim de semana passado. Sei que uma semana não parece muito tempo, mas para Summer é uma década. Ela é meio melodramática.”

Meu celular toca de novo.

“Está vendo só?” Dou risada, então enfio o rímel e o batom na nécessaire que trouxe comigo. “Me passa o celular? Se eu não responder é capaz de Summer ter um ataque de pânico.”

Tansy dá uma olhada na tela. Seus ombros se enrijecem ligeiramente. “Não é ela”, minha prima informa.

Franzo as sobrancelhas. “E quem é?”

Há uma longa pausa. O clima muda. De repente, há uma nuvem de tensão entre nós.

Tansy me avalia com cuidado. “Por que não me disse que continua em contato com Eric?”

BRENNNA

A tensão se instala no meu corpo, transformando meus ombros em pedra e minha coluna em ferro. Meus dedos, no entanto, parecem geleia, e começo a tremer. Por sorte, não estava mais passando rímel, ou teria furado meu olho.

“Ele mandou mensagem?” Fico incomodada com minha voz fraca. “O que diz?”

Tansy me passa o celular. Meu olhar recai de imediato sobre a mensagem. É curta.

ERIC: Me liga. Preciso falar com vc

O desconforto desce pela minha espinha como gotas de água pingando de uma torneira vazando. Merda. O que ele quer agora?

Tansy expressa o que estou pensando: “O que ele quer?”. Ela parece muito mais desconfiada que eu.

“Não sei. E, respondendo à sua pergunta, nunca mais falei com ele.”

Não é totalmente verdade. Recebo notícias de Eric duas ou três vezes por ano, em geral quando está muito louco ou completamente bêbado. Se não atendo, ele continua ligando, de novo e de novo, até que eu atenda. Não tenho

coragem de bloquear o número, mas meu coração se enche de farpas sempre que atendo e descubro como ele está mal.

“Ficou sabendo que minha mãe esbarrou nele, tipo, uns seis ou sete meses atrás? Perto do Halloween.”

“Sério? Por que ela não disse nada quando nos encontramos nas festas de fim de ano?”

“Não queria te preocupar”, Tansy confessa.

O ar fica preso na minha garganta. O fato de tia Sheryl ter pensado que eu ficaria preocupada diz muito sobre o estado de Eric quando ela o viu. “Ele estava chapado?”

“Minha mãe acha que sim.”

Solto o ar devagar. “Fico tão mal com isso.”

“Não deveria”, diz Tansy, com franqueza. “Foi ele quem escolheu continuar com esse estilo de vida. A mãe dele conseguiu um lugar naquela clínica de reabilitação supercara em Vermont, mas Eric se recusou a ir, lembra?”

“É, eu lembro.” Fico mal pela mãe de Eric também. É tão frustrante tentar ajudar alguém que se recusa a admitir que tem um problema.

“Ninguém está forçando o cara a beber ou se drogar. Ninguém o mantém refém em Westlynn. Ele pode sair da cidade quando quiser. A gente saiu.”

É verdade. Nada prende Eric em Westlynn, New Hampshire, a não ser seus próprios demônios. Eu mesma voei para Boston logo depois de me formar no ensino médio.

Não tem nada de errado com a cidade em que cresci. É um lugar perfeitamente satisfatório, que cumpre todos os requisitos de tranquilidade e excentricidade de uma cidade pequena. Meu pai e os irmãos dele nasceram e cresceram em Westlynn, e tia Sheryl e tio Bill ainda moram lá, com seus respectivos cônjuges. Meu pai esperou eu me mudar para ir ele mesmo para Hastings, em Massachusetts. Antes, levava uma hora para chegar a Briar, porque queria que eu continuasse estudando com meus primos e amigos. Acho que ele é mais feliz em Hastings. A cidade fica a cinco minutos do campus, e ele mora em uma antiga casa vitoriana espaçosa e cheia de charme.

Meu ex-namorado preferiu ficar em Westlynn. Após a formatura, a decadência começou. Ele se envolveu com as pessoas erradas e fez todo tipo de cagada. Westlynn não é controlada por traficantes, mas isso não quer dizer que não se possa conseguir drogas lá. Infelizmente, dá pra conseguir em qualquer lugar.

Eric está empacado. Todo mundo foi embora, mas ele continua no mesmo lugar. Não, ultimamente está num lugar ainda pior. Talvez eu não devesse sentir pena dele, mas sinto. E nossa história torna mais difícil esquecê-lo por completo.

“Acho que você não deve ligar.”

As palavras severas da minha prima me trazem de volta ao presente. “Acho que não vou mesmo.”

“Acha?”

“Tem noventa por cento de chance de não ligar, e dez por cento de ligar.”

“Dez por cento é alto demais.” Ela balança a cabeça. “O cara só vai te arrastar pra baixo se deixar que volte pra sua vida.”

Fico pálida. “Não precisa se preocupar com isso. Tem zero por cento de chance de acontecer.”

“Ótimo. Porque pelo visto ele continua obcecado por você.”

“Ele nunca foi obcecado por mim”, digo, em defesa de Eric.

“Está brincando comigo? Lembra quando você teve mononucleose no segundo ano e teve que faltar à escola por meses? Eric surtou total”, ela lembra. “Ligava a cada cinco segundos, não ia às aulas, pirou quando tio Chad disse pra ele parar de aparecer na sua casa. Foi intenso.”

Evito o olhar dela. “É, acho que foi meio exagerado. O que acha dessa blusa?” Aponto para minha miniblusa preta. É frente única e deixa minha barriga à mostra.

“Linda pra KCT”, Tansy declara.

“Você sabe que não economizou nenhum tempo falando KCT em vez de ‘cacete’, né? Só muda a entonação”, provoco, enquanto tento não demonstrar alívio com o fato de Tansy ter aceitado minha mudança de assunto tão prontamente.

Não gosto de ficar pensando sobre aquela época da minha vida. A verdade é que falar de Eric é tão exaustivo quanto era lidar com ele. Só de pensar nele, parece que

acabei de escalar o Everest. Meu ex suga toda a minha energia.

“Falo a língua das redes”, Tansy retruca. “É a única que importa. Bom, você está mesmo ótima e eu estou ótima, então vamos sair e mostrar pra todo mundo como estamos ótimas. Pronta?”

Pego a bolsa de cima da cama da companheira de quarto dela.

“Pronta pra KCT.”

Acabamos em um pub irlandês na região de Back Bay. Chama Fox and Fiddle e é frequentado principalmente por universitários, a julgar pelos rostos jovens. Infelizmente, não tem quase ninguém com roupa de hóquei. Vejo duas camisas vinho e dourado, cores do Boston College Eagles. E só. Fico com saudades do Malone’s, o bar em Hastings em que os fãs de hóquei da Briar se reúnem.

Tansy verifica o celular quando entramos. Vamos encontrar o namorado dela aqui. Ou talvez seja o ex-namorado? O pau amigo? Com ela e Lamar, nunca se sabe. O vai e volta do relacionamento deles me deixa tonta.

“Ele não escreveu. Não deve ter chegado ainda.” Ela enlaça meu braço e me leva para o balcão. “Vamos pedir shots. Não tomamos shots desde o Natal.”

Tem uma multidão esperando para ser servida. Quando consigo a atenção de um garçom, ele me pede um minuto.

“Queria tanto que você estudasse aqui comigo”, Tansy diz, tristonha. “Poderíamos fazer isso o tempo todo.”

“Eu sei.” Eu adoraria estudar no Boston College com ela, mas não fui aceita. Não tirava notas boas na escola; meu relacionamento com Eric detonara minha habilidade de me concentrar nas aulas. Então, fui para uma faculdade comunitária até conseguir transferência para a Briar, onde estudo de graça, já que meu pai é funcionário.

“Boa! Estão passando os Bruins.” Olho para uma das telas penduradas no alto. Um borrão preto e amarelo passa conforme os Bruins partem para o ataque.

“Eba!”, Tansy diz, com entusiasmo fingido. Ela não liga para hóquei. Seu esporte preferido é basquete. O que quer dizer que só sai com jogadores de basquete.

Tento acenar para o atendente de novo, mas ele está ocupado servindo um grupo de garotas de vestido curto. O pub está surpreendentemente cheio para dez e meia da noite. Em geral, a essa hora as pessoas ainda estão fazendo um esquentinha em outro lugar.

Tansy verifica o celular de novo, então escreve alguma coisa. “Cadê ele?”, murmura.

“Manda uma mensagem.”

“Acabei de mandar. Por algum motivo ele não res... Ah, espera, está digitando agora.” Ela espera até que a mensagem apareça. “Tá, ele... Ah, você só pode estar brincando comigo.”

“O que foi?”

Noto a irritação em seus olhos escuros. “Um segundo. Preciso ligar para ele para descobrir que porra é essa.”

Ih. Torço para que não sejam problemas no paraíso, porque sei que, às vezes, Tansy fica obcecada por seu namorado/ex-namorado/pau amigo. Ainda não tenho certeza do que eles são.

O que eu tenho certeza é de que esperava um fim de semana divertido com minha prima favorita, especialmente depois da entrevista horrorosa esta manhã. Minha nossa, aquilo foi péssimo.

Assisto ao jogo enquanto espero por Tansy. Nenhum dos caras no balcão vem pegar meu pedido, o que provavelmente é uma coisa boa, porque minha prima volta batendo o pé e parecendo raivosa.

“Você não vai acreditar”, ela anuncia. “O idiota confundiu o bar. Está no Frog and Fox, perto do estádio de beisebol. Este é o Fox and Fiddle.”

“Por que todo bar nesta cidade tem a palavra ‘fox’ em algum lugar?”

“Né? Nem posso ficar brava com ele, porque acontece.” Ela solta o ar exasperada. “Bom, ele está lá com amigos e não quer que todo mundo se desloque até aqui quando nós duas podemos simplesmente pegar um táxi e chegar lá em dez minutos.”

“Ele está certo.”

“Não se importa de ir?”

“Não.” Me afasto do balcão. “Só vou dar uma passada no banheiro antes.”

“Beleza. Vou chamar um carro. Me encontra lá fora?”

“Tá.”

Tansy sai do pub enquanto me dirijo ao banheiro. Apesar da multidão da sexta à noite, não tem fila. Entro e deparo com duas garotas na frente do espelho, conversando alto enquanto retocam a maquiagem. Assinto em cumprimento e entro numa cabine.

“Se quer ir ao Dime, então vamos”, uma das garotas diz.

“Já disse que não quero ir.”

“Tem certeza? Porque fica insistindo em falar sobre Jake Connelly e sua língua incrível.”

Congelo. Juro que o xixi para no meio como se fosse um truque de mágica.

“Não temos nenhum compromisso hoje”, a primeira garota diz. “Então, vamos logo ao Dime para você ver o cara. Talvez vocês acabem juntos de novo...”

“Duvido. Jake não se interessa por figurinha repetida.” A segunda garota parece desanimada. “Não tem por que irmos lá.”

“Nunca se sabe. Você disse que ele se divertiu.”

“Ele ganhou um boquete. É claro que se divertiu.”

Aperto os lábios para não sorrir. Olha só isso. Jake se deu bem na outra noite. Bom pra ele.

Então me lembro do que ele fez com McCarthy e não vejo mais graça naquilo. Volto a fazer xixi, louca para sair do banheiro e não ter mais que ouvir aquela conversa.

Um suspiro melancólico ecoa do lado de fora. “Você não tem ideia de como foi...”

“Na verdade, tenho. Porque você não para de falar a respeito.”

“Ele beija *tão* bem. E, quando me chupou, fez um negócio com a língua, tipo... nem consigo descrever. Foi meio que um beijo com uma viradinha.”

Fico extremamente constrangida. É claro que já tive esse tipo de conversa com minhas amigas, mas essa garota está sendo bem detalhista. E ela sabe que não estão sozinhas no banheiro. Ela me *viu* entrar.

“Fico surpresa que tenha retribuído o favor. Caras assim bonitos, em geral, nem ligam se a garota está curtindo ou não. Muitos deles só aceitam ser chupados e caem fora depois.”

Dou a descarga e saio da cabine fazendo barulho. “Licença, vou usar aqui”, digo, e aponto para a pia.

Elas se afastam, mas continuam falando. “Bom, ele não é nem um pouco assim”, a garota do Jake diz para a amiga. “Queria que eu fosse até o fim.”

Presto atenção na aparência das duas. A amiga é uma morena alta. Aquela com quem Jake ficou de pegação é baixinha, com cachos ruivos, peito grande e olhos castanhos enormes. Parece um cervo bem atraente.

Esse é o tipo de Connelly? Bambi sexy?

“Então vamos ao Dime”, a morena insiste.

Bambi Sexy morde o lábio inferior. “Não sei. Eu ia me sentir estranha aparecendo no bar favorito dele. Quer dizer, faz quatro dias que rolou. Ele provavelmente nem se lembra de mim.”

Coloco minhas mãos ensaboadas debaixo da água quente. Quatro dias e a garota está preocupada que ele tenha se esquecido dela? Ela se diminui tanto assim? Talvez eu deva me intrometer e aconselhá-la a não se dar ao trabalho de perseguir o cara. Jake a devoraria viva, como costuma fazer com pessoas como ela.

“Tá, então vamos ficar aqui”, a amiga diz quando estão saindo. “Devíamos encontrar uma...”

Não escuto mais nada quando a porta fecha. Seco as mãos com papel-toalha e penso sobre o que ouvi. Quatro dias atrás, Jake e sua língua maravilhosa deram uns amassos na Bambi sexy. Que hipocrisia!

Como ele tem a coragem de me dizer com quem posso sair e ainda mandar McCarthy terminar comigo? E aqui está ele, fazendo sexo oral em uma mulher-cervo gostosa e passando a sexta à noite em um bar, provavelmente tentando descolar garotas. Enquanto isso, o pobre McCarthy está sentado em casa, sem poder nem bater uma sem a permissão de Connelly.

Dane-se.

A resolução me faz endireitar os ombros quando saio para encontrar minha prima. Ela está na calçada, ao lado do parquímetro, em frente à porta traseira de um sedã esportivo preto. “Pronta?”, pergunta quando me vê.

Eu me junto a ela no carro. “Sim, mas houve uma mudança nos planos. Vamos fazer uma parada rápida antes.”

JAKE

O Dime é meu lugar favorito na cidade. É o epítome do pé-sujo. Lotado. Escuro. Tem três bolas faltando na mesa de sinuca, incluindo a oito. O alvo para os dardos está rachado no meio. O chope sai quase sempre aguado, e a comida é coberta por uma camada de gordura que se transforma em pedra quando chega na boca do seu estômago.

Mas, apesar das falhas, eu amo este lugar. É pequeno, o que significa que grupos maiores em geral não vêm aqui. A clientela é majoritariamente masculina, então é o lugar perfeito para ir quando não se está atrás de garotas.

O que não impede Brooks, claro. Ele consegue mulheres em qualquer lugar. Se for a um convento, vai seduzir uma freira. Se o levar a um funeral, vai trepar no banheiro com a viúva de luto. Ou sobre o caixão. O cara é um vagabundo.

Agora mesmo, está a uma mesa de canto dando uns pegas com nossa garçonete. Só tem duas pessoas trabalhando aqui esta noite, e Brooks está com a língua na boca de uma delas.

A outra é um cara mais velho de barba e óculos, que pigarreia alto o tempo todo. A garçonete o ignora. Quando ele diz: “Rachel, tem uma mesa esperando”, ela desgruda os lábios de Brooks por um momento e dispensa o colega de trabalho com um aceno. “Pode atender? A gorjeta é sua.”

Imagino que não queira mais trabalhar aqui e esse seja seu jeito de pedir demissão, porque não tem como escapar dessa ilesa. O outro atendente e o cara do bar trocam olhares soturnos, e tenho certeza de que um deles já ligou para o gerente.

Enquanto Brooks fica passando a mão na garçonete no canto, o restante de nós assiste ao jogo dos Bruins e ouve Coby Chilton reclamar do limite de duas cervejas que estabeleci. Ele pode choramingar a noite inteira. Não me importo. Vamos jogar contra Princeton amanhã à tarde e ninguém pode aparecer de ressaca. Proibi Potts e Bray de saírem esta noite. Não confio naqueles dois.

“Se você puder trepar com qualquer jogador de hóquei, morto ou vivo, quem seria?”, Coby pergunta a Dmitry. Considerando que há um segundo estava falando de cerveja, a mudança de assunto é chocante.

“Como assim?” Dmitry parece muito confuso. “Está falando de jogadoras mulheres?”

“E quando diz ‘morto’ está falando em trepar com um cadáver ou com ela quando estava viva?”, Heath pergunta.

“Não, estou falando da liga profissional masculina. E sem a parte da necrofilia.” Coby parece horrorizado.

“Espera aí, você está perguntando com que *cara* treparíamos?”, um defensor veterano pergunta.

Reprimo a risada.

“Isso. Eu escolheria Bobby Hull. Gosto dos loiros. E vocês?”

“Espera aí. Chilton”, interrompe Adam Middleton, nosso novato mais promissor. “Você é gay?” O garoto de dezoito anos olha em volta na mesa. “Ele sempre foi e só descobri agora? Todo mundo sabia?”

“Bem que você queria...”, Coby retruca.

O calouro parece desconcertado. “Por que eu ia querer isso?”

“Porque sou ótimo na cama. Você está perdendo.”

“O que está acontecendo exatamente?”, Adam me pergunta.

Pressiono os lábios trêmulos um contra o outro. “Não faço ideia, cara.”

“Ouvi um grupo de garotas conversando sobre isso na Harvard Square outro dia”, Coby explica, terminando sua segunda (e última) cerveja da noite. Ele revira os olhos de forma dramática. “E elas escolhiam os piores caras. Tyler Seguin! Sidney Crosby!”

“Eu pegaria o Crosby”, Dmitry diz. “Nem precisaria visualizar uma garota pra ficar duro. Bastaria pensar nas estatísticas dele.”

Todo mundo na mesa começa a rir. Sinto o celular vibrar no bolso e o pego.

HAZEL: *Tá fazendo o quê? Estou em casa entediada*

Respondo dizendo que saí com o time.

HAZEL: *Usa camisinha!*

Minha risada sai alta, chamando a atenção de Coby. “E essa risadinha aí?” Ele faz cara feia. “É melhor não estar de papo com uma garota. Não podemos pegar ninguém, lembra?”

“Só proibi distrações”, corrijo.

E até agora funcionou. McCarthy estava em seu melhor no treino da manhã, provando que o rolo com Brenna Jensen era o motivo de seu desempenho ruim recente. Ele não veio esta noite porque queria ficar em casa para assistir às gravações dos jogos de Princeton na temporada para se preparar para amanhã. Viu só o que acontece quando se elimina distrações incômodas?

“E não estou de papo com uma garota”, acrescento. “É só a Hazel.”

“Ah, legal, diz que mandei um oi”, Coby pede.

Hazel foi comigo em um evento do time no ano passado, então a maior parte dos caras a conhece. Coby gostou dela na hora. É claro que ele gosta de qualquer coisa com peitos. E, aparentemente, de loiros também, não importa o gênero.

“Vai me dar o número dela?”, ele reclama.

“Não. Você está proibido de sair com minhas amigas.” Não quero que Chilton chegue nem perto de Hazel. Ele

não leva nada a sério e quebraria o coração dela. Hazel é inexperiente demais para alguém assim.

Para ser sincero, acho que ela nunca teve um namorado de verdade. Imagino que saia, porque é uma garota de vinte e um anos muito bonita, mas nunca a vi com ninguém. No passado, achei que pudesse ser lésbica, mas tampouco a vi com mulheres, e tenho certeza de que já a vi secando um cara ou outro. Acho que só não leva muito jeito pra coisa. E Coby leva jeito demais.

Um assobio alto corta o rock tocando alto no bar. Vem da direção da mesa de sinuca. Os dois homens ali abandonaram o jogo para encarar a porta.

Sigo o olhar deles e... *opa*.

Brenna Jensen está atravessando o salão. E está bem gostosa.

Usa botas de couro de salto alto, saia curta e jaqueta de couro preta. Seu cabelo chocolate cai solto sobre os ombros e seus lábios cheios estão vermelho-sangue.

Outra garota de cabelo escuro a segue. Também é bonita, mas Brenna prende toda a minha atenção. Seus olhos escuros pegam fogo, e cada molécula de calor é dirigida a mim.

“Connelly.” Ela chega na nossa mesa com um sorriso falso no rosto que deixa os dentes à mostra. “Garotos. Legal encontrar vocês aqui. Posso me juntar a vocês?”

Finjo que sua chegada não me abalou nem um pouco. Mas a suspeita se enrola dentro de mim como uma

casavel. “Claro.” Aponto para a única cadeira vazia. “Mas só tem um lugar.”

“Tudo bem, não vamos demorar.” Ela se dirige à amiga. “Quer sentar?”

“Não precisa.” A garota parece estar achando graça de tudo isso, seja lá o que *isso* for. “Vou ligar pro Lamar. Me encontra quando tiver terminado.” Ela vai para o balcão, com o celular grudado na orelha.

“Está tão quente aqui”, Brenna comenta. “Todos os corpos apertados nessa caixa de sapato estão gerando um baita calor.” Ela desce o zíper da jaqueta.

O que está usando por baixo faz todo mundo arregalar os olhos.

“Porra”, ouço Coby murmurar.

A blusa mal cobre a barriga lisa e macia, e tem um decote profundo o bastante pra mostrar peitos impressionantes. Ela não está usando sutiã, então dá para notar a silhueta dos mamilos, dois pontos rígidos despontando no tecido. Meu pau se agita dentro da calça.

Ela avalia meus colegas antes de focar em mim. “Precisamos ter uma conversinha, Connelly.”

“É mesmo?”

Ela passa os olhos pela mesa de novo. Cada um, incluindo o modesto novato, Adam, é avaliado cuidadosamente. Para meu desgosto, quem é escrutinado por mais tempo é Coby, cujo queixo está tão caído que quase chega ao chão grudado do Dime.

“Senta logo”, digo, sombrio.

“Tudo bem.” Ela levanta uma sobrancelha, vai até Coby e senta no colo dele.

Ele solta um ruído estrangulado. Em parte surpreso, em parte curtindo.

Estreito os olhos para Brenna.

Ela sorri. “Qual é o problema, Jake? Você me mandou sentar.”

“Acho que uma cadeira seria mais confortável.” Minha voz sai afiada.

“Ah, mas estou superconfortável aqui.” Ela passa um braço esguio pelo pescoço de Coby e apoia a mão em seu ombro largo. Ele tem um metro e noventa e cinco de altura e quase cento e dez quilos, o que a faz parecer pequena em comparação.

Não deixo de notar a maneira como as mãos de Coby envolvem o quadril de Brenna para mantê-la ali.

“Jensen”, aviso.

“Jensen! Ei!” Brooks, que interrompe a pegação para respirar, finalmente nota a chegada de Brenna. “Quando chegou? A Di Laurentis veio com você?”

“Não, Summer está em Hastings.”

“Ah, que droga.” Ele dá de ombros e volta ao hóquei de amígdalas com a garçonete que logo estará desempregada.

“Então”, Brenna diz. Pode estar no colo de Coby, mas só tem olhos para mim. “Você mandou Josh terminar comigo.”

Levanto a garrafa de cerveja e tomo um gole lento, considerando o que ela disse. “Terminar, é? Achei que não

estivessem juntos.”

“Não estávamos. Mas tínhamos um lance legal rolando. Eu gostava dele.”

Ela é estranhamente franca. A maior parte das mulheres não admitiria o quanto gosta do cara de quem acabou de levar um fora. Sinto um aperto esquisito no peito diante da ideia de que estivesse mesmo interessada em McCarthy.

“Gostava das mãos dele em mim”, ela continua com uma voz rouca, e de repente percebo que todos os homens à mesa a devoram com os olhos. “Gostava dos lábios dele... dos dedos...”

Adam, o novato, solta uma tosse estrangulada. Eu o calo com um olhar mortal. Ele toma um gole de cerveja.

“Acho que vai ter que encontrar outros dedos, mãos e lábios para te manterem ocupada”, digo a Brenna.

Quando Coby abre a boca, eu o encaro antes que possa se voluntariar. Ele fecha a matraca de imediato.

“Já disse que você não manda em mim”, Brenna fala, com frieza.

“Não mandei em você. Foi McCarthy quem decidiu terminar.”

“Não acredito. E não gosto que interfira na minha vida.”

“Não gosto que interfira no meu time”, retruco.

Os caras ficam virando o pescoço para mim e para Brenna conforme nos alternamos.

“Vamos mesmo ter essa conversa aqui?”, ela pergunta em um tom entediado. Seu indicador desce pelo braço de

Coby.

Os olhos dele se acendem.

Merda. Brenna não só é muito gostosa como é hipnotizante. A bunda perfeita dela no momento está pressionada contra a virilha de um jogador de hóquei cheio de agressividade e ansiedade reprimidas por conta da semi de amanhã.

“Você veio até aqui só pra gritar comigo, gatinha? Porque isso não vai trazer o pobre McCarthy de volta.” É uma provocação. Na maior parte porque é divertido ver os olhos escuros dela arderem de raiva, como dois carvões quentes queimando na churrasqueira.

“Tem razão. Não vou conseguir McCarthy de volta. Então, talvez seja hora de encontrar um substituto.” Ela pega a mão de Coby que está em seu quadril. Então, entrelaça seus dedos com os dele, e eu franzo a testa quando a vejo acariciar a palma da mão dele com o polegar.

Parece que Coby vai gemer. A música abafa o som, mas sua expressão torturada me diz que está se deixando afetar. Olho para ele. “Foco, cara. É só um joguinho.”

“Não é um joguinho. Acho que nosso garoto aqui é uma delícia.” Ela joga o cabelo sedoso por cima do ombro e inclina a cabeça para encontrar o olhar admirado dele. “Qual é seu nome?”

“Coby.” A voz dele sai grossa.

Merda. Temos problemas. Ele olha para Brenna como se ela estivesse pelada. Aliás, acho que todo mundo no bar a

olha assim.

“Eu sou Brenna”, ela arrulha. “É ótimo te conhecer.”

“É mesmo”, ele retruca, engolindo em seco visivelmente.

Brenna sorri para mim, então desenlaça os dedos dos dele e sobe a palma da mão até o peito musculoso de Coby. Ela a pressiona contra o escudo de Harvard estampado no moletom cinza, deixando a palma aberta sobre o peitoral esquerdo. “Seu coração está batendo tão forte. Está tudo bem?”

“Tudo ótimo.” Ele está completamente enfeitiçado. Por debaixo das pálpebras pesadas, Coby admira as curvas do corpo dela. Então se remexe na cadeira, provavelmente por causa de uma ereção.

“Foca em mim, Chilton”, ordeno. “Não deixa a garota te atrair pro lado negro.”

“Não ouve esse cara, Coby. Quer que Connelly controle sua vida? Ele acaba com toda a diversão. Quem gosta desse tipo de gente?” Ela se aproxima dele. “E o que mais você faz além de jogar hóquei? Gosta de dançar?”

“Amo”, Coby murmura. Seu olhar está fixo no peito dela.

Sei muito bem que ele é péssimo na pista de dança. “Coby, não cai nessa. Ela não está interessada.”

Ambos me ignoram.

“A gente devia sair pra dançar. Ia ser *tão legal*.” Ela acaricia o peitoral dele antes de deslizar a mão até a barba. Então, a acaricia também. “Aposto que ter meu corpo

mais pertinho do seu ia fazer seu coração bater ainda mais rápido.”

Adam volta a tossir. Ao lado dele, Dmitry parece totalmente fisgado. Todos parecem. Brenna tem esse efeito nos homens.

Faço cara feia para Coby. “Ela está brincando com você. Quer dar o troco pelo que supostamente fiz com ela.”

Brenna sorri em desafio. “Na verdade, acho Coby bem interessante.”

“Tenho certeza disso”, digo. Para o idiota, ofereço incentivo. “Você consegue, cara. Se afasta da escuridão.”

Quando Coby finalmente fala, as palavras saem estranguladas, como se fossem arrancadas à força de sua boca. “Desculpa, Jake. Acho que estou apaixonado.”

Brenna ri e escorrega do colo dele com facilidade.

Coby levanta também. “Vamos dançar”, ele diz, animado.

Suspiro. “Fracote.”

Brenna suspira também ao tocar o braço do meu colega de time. “Desculpa, mas Connelly estava certo. Eu só estava brincando com você.”

Ele olha embasbacado para ela. “Sério?”

“Sério. Estava te manipulando, e peço desculpas. Você era um peão desavisado no pequeno jogo de xadrez entre mim e seu capitão.”

Coby parece tão decepcionado que tenho que reprimir uma risada. Não tenho pena dele. Eu avisei.

Brenna vira para mim. “Viu como foi fácil?” Ela balança a cabeça, irritada. “Ó, não vou insistir nessa coisa do McCarthy porque era algo temporário. Mas que sirva de aviso, Connelly. Fica fora da minha vida. Amorosa, sexual ou o que for. Você não tem o direito de forçar alguém a terminar comigo. Foi muito infantil.”

“E o que você fez agora não foi?”, desafio.

“É claro que foi. Não posso negar. Desci ao seu nível porque estava tentando provar um ponto. Caso se intrometa na minha vida, vou me intrometer na sua. Se continuar me acusando de distrair seus jogadores, vou começar a fazer isso de verdade. E, baseado no que acabei de ver, não vai ser muito difícil.” Ela dá um tapinha no ombro de Coby. “De novo, sinto muito por ter te envolvido nisso. Se vale alguma coisa, acho você muito gostoso, e tenho uma amiga chamada Audrey que quero que você conheça. Você é exatamente o tipo dela.”

A expressão de Coby se ilumina. “Sério?”

Brenna pega o celular. “Dá um sorrisinho. Vou mandar uma foto sua e ver se fica interessada.”

Assisto em total descrença a Coby de fato posar para uma foto. É inacreditável, mas ele flexiona os bíceps. E então, para piorar, diz: “Valeu”.

O idiota está *agradecendo* Brenna. Meus colegas de time são inacreditáveis.

Ela guarda o celular na bolsa e seus olhos procuram os meus. “Aproveite o resto da noite, Jake.” Então, pisca para mim. “E não esqueça... se mexer comigo, vai ter troco.”

JAKE

Me vejo na cozinha às três da manhã pegando um copo de água. Não sei bem o que me acordou. Talvez o trovão? Começou a chover quando Brooks e eu saímos do bar e não parou desde então. Tampouco a intensidade diminuiu.

Talvez seja a culpa que tenha roubado meu sono. Nunca vou admitir para Brenna, mas... estou mesmo me sentindo mal por ter me metido na vida dela. Quando confessou que gostava de McCarthy, não posso negar que me senti um completo idiota.

“Ah!”, uma voz feminina grita. “Não sabia que tinha alguém acordado.”

Levanto a cabeça a tempo de ver uma figura curvilínea parar a menos de dois metros. Ou é um truque de sombras ou ela está só de fio dental. A garota vira e dá alguns passos, com uma cortina de cabelo loiro balançando às costas. Ela acende a luz da cozinha e, sim, está mesmo sem blusa. Seus peitos estão totalmente à mostra.

“Desculpa”, ela diz. “Achei que estaria sozinha aqui.”

Apesar das desculpas, ela não faz nenhum esforço para se cobrir.

De minha parte, não consigo evitar olhar. Ela tem peitos legais. Mais pra pequenos, mas bonitos e arrebitados, com mamilos rosa-claro no momento enrijecidos por estarem expostos.

Mas a falsa timidez em seus olhos corta meu barato. Não ouvi ninguém entrar, mas imagino que Brooks a tenha chamado. E, como está praticamente nua, imagino que não fossem virar a noite estudando no quarto dele nem nada do tipo. O que quer dizer que não deveria estar me olhando desse jeito.

“Você está no quarto do Brooks?”, pergunto enquanto lavo o copo.

“Hum-hum.”

Franzo a testa. “Quando chegou?”

“Por volta da meia-noite. E, antes que você pergunte, sim, vim pra transar com ele.”

Resisto à vontade de sacudir a cabeça. Brooks Weston é impressionante. Ficou com uma garota a noite toda, então ligou para outra quando chegou.

“Se importa em pegar um copo pra mim? Não sei onde fica.” Ela lambe os lábios. “Estou morrendo de sede.”

Sei bem como está sedenta...

Abro o armário, pego um copo e o ofereço a ela. A ponta dos dedos da garota toca minhas juntas sugestivamente quando o aceita. “Obrigada.”

“Imagina.” Puxo a mão de volta. “Você parece estar com frio”, digo, olhando claramente para seus mamilos.

“Na verdade, estou com calor no momento.” Ela dá uma risadinha. “E vem de você.”

“Como?”

“Você me deixa com calor.”

Tento não levantar a sobrancelha. A garota é corajosa. Corajosa demais, considerando quem veio encontrar esta noite. “Você não estava com o meu amigo?” Aponto com a cabeça para o corredor.

“E daí?”

“E daí que você não deveria dizer a outro cara que ele te deixa com calor.”

“Brooks sabe o que acho de você.”

“Ah, é?” Uma sensação incômoda percorre minha espinha. Não gosto da ideia de outras pessoas falando a meu respeito. Espero de verdade não ser parte de algum joguinho que os dois jogam a portas fechadas.

Ela enche o copo de água no filtro da geladeira. Então só fica lá bebendo, sem blusa, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Tem um corpo incrível, mas algo nela me irrita. Não é o descaramento. Gosto de garotas que falam o que pensam. De garotas que me tiram do sério. Como Brenna Jensen. Ela é a definição de ousadia, e não me faz querer fugir.

Esta garota, por outro lado...

“Como você chama?”, pergunto, com cuidado. Não sei de onde vem a desconfiança, mas sua presença me irrita.

“Kayla.” Ela toma outro gole e apoia o quadril na bancada de granito. Não se deixa afetar pelo fato de estar usando uma calcinha minúscula e nada mais. “Já nos conhecemos.”

“É mesmo?”

Um descontentamento visível desponta em seus olhos. Imagino que não goste de ser esquecida. Mas não tenho nenhuma lembrança dela, de verdade.

“É. Na festa de Nash Maynard.”

“Você estuda em Harvard?”

“Não. Falamos disso na festa”, ela diz, firme. “Estudo na Universidade de Boston.”

Não consigo lembrar. Tem um buraco negro na minha mente onde deveria estar essa suposta alegação.

“Linda!” A voz sonolenta chega do corredor. “Vem pra cama. Estou com tesão.”

Abro um sorriso seco para ela. “Estão precisando de você.”

Ela sorri de volta. “Seu amigo é insaciável.”

“Não tenho como saber”, digo, dando de ombros.

“Não?” Ela termina a água e deixa o copo na pia. Então, avalia meu rosto com uma expressão curiosa. “Você e Brooks nunca...?” A garota deixa a pergunta no ar.

“Não. Não é a minha praia.”

Ela inclina a cabeça, pensativa. “E se tivesse uma garota no meio, como amortecedor?”

Eeeee já chega. É tarde e estou cansado demais pra discutir ménage à trois com uma desconhecida na minha

cozinha. “Não faço isso também”, murmuro, já passando por ela.

“Que pena”, ela diz para minhas costas.

Não me viro. “Boa noite, Kayla.”

“Boa noite, Jake.” A cadência é provocante.

Nossa. Tantos convites em um encontro tão insignificante. Eu poderia ter comido a garota na bancada se quisesse. E, se eu curtisse uma suruba, aceitaria dividir a cama comigo e com Brooks ao mesmo tempo.

Mas nada disso me interessa.

Volto para o quarto e tranco a porta, só para garantir.

Logo cedo na manhã seguinte, vou ver meus pais. Isso envolve um trajeto rápido pela linha vermelha seguido de uma viagem não tão rápida na linha que vai de Newburyport a Rockport, que me leva até Gloucester. Seria mais rápido pegar o carro de Weston emprestado e dirigir pela costa, mas não me importo de andar de trem. É mais barato que a gasolina da Mercedes, e me dá tempo para refletir e me preparar mentalmente para o jogo de hoje.

Toda a temporada depende desse jogo.

Se perdermos...

Não vamos perder.

Dou ouvidos à voz muito segura de si em minha cabeça, me apoiando na confiança que venho cultivando desde que era uma criança no gelo. Não há como negar que sempre tive talento. Mas talento e potencial não

significam nada sem disciplina e alguns fracassos. É preciso perder para que a vitória signifique alguma coisa. Já perdi antes, nos playoffs e inclusive em finais. Perder não deve acabar com sua confiança. Deve ajudar a construí-la.

Mas não vamos perder hoje. Somos o melhor time da conferência, talvez até o melhor time do país.

O trem chega à estação por volta das nove. Como não está mais chovendo, decido andar até em casa em vez de pegar um Uber. Inspiro o ar fresco da primavera, inalando o cheiro familiar de sal, peixe e alga-marinha. Gloucester é uma cidade pesqueira, o porto mais antigo do país, o que significa que não se pode dar cinco passos sem ver um farol, um barco ou qualquer coisa náutica. Passo por três casas consecutivas com âncoras decorativas penduradas na porta da frente.

A casa de dois andares em que cresci é parecida com a maioria das casas que se alinham nas ruas estreitas. Tem tapume branco, teto inclinado e um belo jardim dianteiro do qual minha mãe cuida religiosamente.

Meu celular toca quando me aproximo da sacada. É Hazel. Paro para atender. Ela ficou de ir ao jogo hoje. “Oi”, cumprimento. “Ainda vai pra Cambridge mais tarde?”

“Nunca. Morreria antes de trair minha universidade.”

“Ah, cala a boca. Você nem gosta de hóquei. Vai como amiga, não como fã.”

“Brincadeira, é claro que eu vou. Só é divertido fingir que somos de grupos rivais. Como se fosse um

relacionamento proibido. Bom, amizade”, ela se corrige.

“Nossa amizade não é nada proibida. Todo mundo sabe que você é minha melhor amiga e ninguém se importa.”

Há uma breve pausa. “Verdade. Bom, o que está fazendo? Se quiser posso ir mais cedo, e a gente fica de boa antes do jogo.”

“Estou chegando à casa dos meus pais. Minha mãe vai fazer um café da manhã especial de dia de jogo.”

“Ah, você devia ter me avisado. Eu poderia ir também.”

“Ah, é. Como se você fosse acordar antes das oito da manhã. Num sábado.”

“Eu acordaria, sim”, ela contesta.

“Pra mim o mundo não existe antes das nove.’ Foi você quem disse isso, Hazel.” Dou risada.

“E o que vamos fazer para comemorar a vitória de hoje? Ei, que tal um jantar chique?”

“Talvez. Mas acho que os caras vão sair pra curtir. Ah, e tenho compromisso às dez. Você pode ir comigo se quiser.”

“Depende do que for.”

“Lembra do Danny Novak? A banda dele vai tocar na cidade amanhã. É o primeiro show deles, então prometi que ia.” Danny jogava comigo no ensino médio. Lidava com o taco como ninguém, e tamanha destreza também é útil para tocar guitarra. O cara nunca conseguia escolher o que preferia, hóquei ou música.

“Que tipo de som eles tocam?”

“Metal.”

“Argh. Vou morrer.” Hazel suspira. “Te aviso mais tarde, mas neste momento estou tentada a dizer não.”

Sorrio. “Te vejo mais tarde?”

“Sim. Manda oi pros seus pais.”

“Pode deixar.”

Desligo e abro a porta destrancada. No pequeno hall, deixo a jaqueta do time em um dos ganchos de metal em formato de — o que mais poderia ser? — âncora. “Mãe?”, chamo enquanto tiro as botas.

“Oi! Estou aqui!” A voz vem da cozinha, assim como um aroma muito apetitoso.

Meu estômago grunhe como um urso ranzinza. Fiquei esperando por esse café a semana inteira. Alguns caras não gostam de comer muito em dia de jogo, mas pra mim é o oposto. Se não tomar um belo café da manhã, me sinto lento e desligado.

Encontro minha mãe ao fogão, com uma espátula vermelha na mão. Minha fome se intensifica. Oba. Ela está fazendo rabanada. E bacon. Aquilo é linguiça?

“O cheiro está incrível.” Eu me aproximo e dou um beijo na bochecha dela. Então, levanto as sobrancelhas. “Brincos bonitos. São novos?”

Com a mão livre, ela rola a pequena pérola brilhante na orelha direita com o indicador e o dedão. “Não são lindos? Seu pai me surpreendeu com eles outro dia! Nunca tive pérolas desse tamanho!”

“Ele fez bem.” Rory Connelly conhece o segredo para um casamento saudável. Mulher feliz, vida feliz. E nada

deixa minha mãe mais feliz que coisinhas que brilham.

Ela vira para me encarar. Com o cabelo escuro preso em um rabo de cavalo liso e as bochechas vermelhas do fogão, parece ter muito menos que cinquenta e seis. Meus pais me tiveram com trinta e poucos, então ela sempre se refere a si mesma como uma “mãe velha”. Mas definitivamente não parece.

“Hazel mandou oi. Acabei de falar com ela no telefone.”

Minha mãe bate palmas feliz. “Ah, diga a ela que estou com saudades. Quando vai vir visitar? Não veio para as festas.”

“Ela passou na casa da mãe este ano.” Os pais de Hazel se divorciaram há alguns anos. O pai dela ainda mora em Gloucester, mas a mãe vive em Vermont agora, então ela se alterna entre as cidades nos feriados. “Mas ela vai no jogo hoje. E vocês?”

“Acho que não. Seu pai não chega a tempo, e você sabe que não gosto de pegar estrada sozinha.”

Tento esconder a decepção. Meus pais nunca se envolveram muito em minha carreira esportiva. Meu pai sempre esteve ocupado demais para ir aos jogos, e ela simplesmente não tinha interesse. Quando eu era pequeno, me magoava. Eu via a família dos meus amigos na arquibancada e a minha não. A inveja enchia meu peito.

Mas tanto faz. As coisas são como são. É minha atitude em relação à maior parte das coisas. Não posso mudar o passado, não choro pelo presente, não me preocupo com o

futuro. Nada disso tem sentido, muito menos arrependimento.

“Bom, tentem ir à final se avançarmos, tá?”, digo, com leveza.

“Claro. Agora sai de cima de mim e vai sentar, astro. Eu cuido de tudo.”

“Pelo menos me deixa pôr a mesa”, peço, tentando pegar os pratos do armário.

Ela afasta minhas mãos com um tapa. “Não. Pode sentar”, ordena. “Talvez essa seja a última vez em que vou te servir antes de ter gente para fazer tudo por você.”

“Isso não vai acontecer.”

“Você vai ser um jogador profissional de hóquei no outono. Vai ser famoso, e gente famosa contrata empregados.”

Cometi o erro de mostrar meu contrato com a liga profissional aos meus pais. Quando eles viram quanto dinheiro vou estar ganhando em breve (sem mencionar os bônus de desempenho que meu agente convenceu o clube a incluir), os olhos deles quase saltaram das órbitas. Não posso prever quanto dinheiro vou receber no total, mas o valor do contrato gira em torno de dois milhões, o que definitivamente é bastante para um novato.

De acordo com meu agente, é o que eles pagam para os “prováveis astros”. É claro que meu ego inflou ao ouvir isso. Minha mãe gostou também, e é assim que me chama agora. De “astro”.

“Não quero ter empregados.” Dou risada e sento mesmo assim. Se ela quer me mimar, por que não deixar? Está certa em parte. No ano que vem estarei em Edmonton, congelando no inverno canadense. Vou sentir falta dos sábados em Gloucester com meus pais.

“Cadê o papai, aliás?”

“Trabalhando”, minha mãe responde, apagando o fogo.

“No sábado?” Não fico surpreso. Meu pai é superintendente em uma construtora especializada em pontes e túneis, que em geral lida com contratos públicos. E contratos públicos significam prazos apertados e muita burocracia, o que, por sua vez, significa que meu pai está sempre sob um estresse tremendo.

É o tipo de trabalho que acaba com o coração de qualquer um — literalmente. Ele teve uma parada cardíaca durante a construção de uma ponte há alguns anos, e eu e mamãe ficamos muito assustados. Fico surpreso que ela o tenha deixado voltar ao trabalho, mas suponho que ele não tivesse escolha. Não está nem perto da idade para se aposentar.

“Teve algum problema ontem”, minha mãe explica. “Não me pergunte o que foi, você sabe que eu desligo quando ele começa a tagarelar sobre pontes. Só sei que o projeto está num momento crítico. Eles precisam terminar antes do inverno, mas talvez não consigam porque parte da equipe está agindo como — e só estou repetindo — ‘uns idiotas da porra’”.

Solto uma risada. Meu pai é ótimo com as palavras. “Tenho certeza de que vai ficar tudo bem”, garanto à minha mãe. “Papai é bom em gritar com as pessoas. E gosta disso, então todo mundo sai ganhando”.

Minha mãe começa a levar os pratos para a grande mesa de cedro que meu pai e eu construímos num verão, quando eu era criança. Tento garfar um pedaço de rabanada, mas ela afasta minha mão de novo. “Espera até eu trazer tudo. Bom, pra ser sincera, não sei se ficar dando ordens pra equipe ainda dá algum prazer ao seu pai. Ele está cansado. Faz a mesma coisa há tantos anos.”

Ela coloca uma pilha de torradas com manteiga na mesa. “Mas me conta sobre você! Quando vai trazer você-sabe-o-quê para casa?”

Me faço de bobo. “Como assim? Um cachorro? Um carro?”

“Uma *namorada*, Jake. Você precisa de uma”, ela bufa.

“Ah, eu preciso, é?” Não consigo levar a sério. Meus pais insistem nesse assunto já faz um tempo.

“Precisa”, ela diz, firme. “De verdade. Precisa de uma namorada legal que apoie você. Como Hazel. Ainda não entendo por que não estão juntos. Ela é perfeita pra você!”

Hazel é sempre a primeira opção da minha mãe. “Não vou namorar Hazel”, digo, pela décima segunda vez. “Não gosto dela nesse sentido.”

“Está bem, então ache *alguém*.”

Essa é sempre a segunda opção dela: *alguém*. Está louca para que eu sossegue.

Mas não estou interessado no momento. “Não quero”, digo, dando de ombros. “Hóquei é minha prioridade agora.”

“Hóquei é sua prioridade desde que tinha cinco anos! Não acha que está na hora de mudar?”

“Não.”

Ela balança a cabeça em reprovação. “Você está na faculdade, Jake. É jovem e bonito. Não quero que um dia pense nessa época da sua vida e se arrependa de não ter dividido esses momentos com alguém especial.”

“Não me arrependo de nada, mãe. Nunca me arrependi.”

Mas, se estiver sendo totalmente honesto, me arrependo de uma coisa neste momento.

Estou me sentindo culpado por ter interferido no relacionamento de Brenna e McCarthy. Não é como se eles estivessem noivos, mas ela tem razão — pedi mesmo que ele terminasse. Foi uma atitude idiota. Não gosto que tentem controlar minha vida amorosa também.

Achei que a culpa fosse simplesmente desaparecer, mas não foi o caso. Revirou minhas entranhas ontem à noite, e ainda me incomoda hoje de manhã.

Dia de jogo, uma voz severa me lembra.

Certo. O jogo contra Princeton é tudo o que importa agora. Precisamos vencer.

Vamos vencer.

Essa é a única opção.

BRENNNA

“Não acredito que você vai me abandonar.” Lanço um olhar furioso para Tansy, mas no fundo não estou surpresa.

Estava torcendo desesperadamente para que ela e Lamar não estragassem meu fim de semana, mas, como meu pai sempre diz, torcer é para os tolos. *Trabalhe duro e transforme seus sonhos em realidade*, ele vive repetindo, *para não ter que torcer para porcaria nenhuma*.

“Vai ser só por uma hora ou duas”, minha prima promete.

“Ah, é”, desdenho, da cama da colega de quarto dela. De novo, Aisha tinha se mostrado minha heroína. De alguma maneira, havia trocado o colchão padrão do dormitório por um daqueles viscoelásticos que dão a impressão de se estar dormindo nas nuvens. Me enfiei debaixo das cobertas quando Tansy e eu voltamos do almoço seguido por uma tarde de compras. Isso mostra como a cama é confortável.

“É sério”, Tansy insiste. “Só vou passar lá para a gente conversar sobre o que aconteceu ontem à noite.”

“Ah, está falando de como vocês dois ficaram gritando um com o outro como dois malucos na frente do bar inteiro?”

Pois é. Foi muito divertido. Tansy e Lamar começaram a discutir quase no mesmo instante em que chegamos no Frog and Fox. Fazia tempo que eu não testemunhava um exemplo tão perfeito do efeito bola de neve.

Os dois se cumprimentaram com um beijo, então Tansy o provocou por ter ido para o bar errado, então Lamar disse que *ela* havia passado o nome errado, minha prima negou, ele insistiu, Tansy disse que não era culpa dela se ele era tão burro que não conseguia ler uma mensagem de texto, Lamar disse “Por que você está agindo como uma louca?” e pronto: apocalipse.

Ah, Lamar. Nunca, nunca, diga à sua namorada que ela está agindo como uma louca. Mesmo que esteja.

Os amigos dele e eu decidimos virar alguns shots de tequila. Imaginamos que os dois em algum momento iam se cansar e se juntar a nós, mas isso nunca aconteceu. Tansy me arrancou do bar às lágrimas e fomos para casa antes da meia-noite.

Acordei hoje sem ressaca. Se perguntarem para mim, isso é sinônimo de noite ruim.

“Vamos, Tans, diz que vocês se veem amanhã. Você já estragou nosso passeio trocando mensagens com ele o tempo todo.” Deveríamos fazer compras e nos divertir. Em vez disso, passei o dia assistindo à minha prima no

celular. Mal falamos durante o almoço, porque as mensagens não paravam de chegar.

“Eu sei, sinto muito mesmo. É só que...” Ela volta seus olhos grandes e suplicantes para mim. “Andamos falando em ficar noivos depois da formatura. Não posso ignorar o cara em uma briga. Temos que resolver isso.”

Nem pisco quando ela fala em noivado. Tansy e Lamar terminaram e voltaram tantas vezes que não levo mais o relacionamento a sério. Se você está sempre terminando com alguém, é porque tem motivo. É fato que drama contínuo não leva a compromisso no longo prazo.

Duvido muito que os dois de fato fiquem noivos. E se por acaso acontecer, de jeito nenhum que vai terminar em casamento. Apostaria minhas poucas economias nisso.

Mas reprimo meu ceticismo e digo: “Tá, vocês andam falando em noivar. Isso não tem nada a ver com sua prima, que não vê há meses e que veio até aqui pra passar o fim de semana com você. A noite de ontem acabou sendo um festival de lágrimas. O passeio de hoje virou um festival de mensagens. E, que surpresa, agora está me dando o bolo.”

“Não estou dando o bolo, eu juro. Vou perder o jantar, mas ainda vamos sair depois. Você pode usar meu cartão e jantar no refeitório de graça. Então pode tirar uma soneca ou o que quiser. Volto logo mais para ir ao Bulldozer, como planejamos.”

Bulldozer é uma casa noturna que estou morrendo de vontade de conhecer. Apesar do nome péssimo, tem

recebido críticas entusiasmadas, e parece que a seleção musical é de primeira.

Sinto que não vou ter a oportunidade de confirmar pessoalmente.

“Por favor”, Tansy implora. “Não vou demorar muito. Só algumas horas.”

Adoro como passamos de “uma ou duas horas” para “algumas horas”.

“E prometo que nunca mais vou fazer isso. Da próxima vez que planejarmos um fim de semana das garotas, vou para Briar, e Lamar vai ficar aqui. Vamos nos divertir como nunca.”

Engulo uma resposta atravessada. Ela já se decidiu, então de que adianta discutir? “Faça como achar melhor, Tans.”

“Vamos, Bee, não fica brava comigo.”

“Então não me dá o bolo.”

“Brenna...”

Meu celular toca. Em geral, não seria tão mal-educada a ponto de verificar no meio de uma conversa, mas Tansy está me deixando louca, então o faço só de raiva.

Só que... excelente. A notificação na tela é ainda mais irritante que as bobajadas da minha prima.

“Harvard derrotou Princeton”, grunho.

Ela me olha com cuidado. “Isso é bom ou ruim?”

Puxo o ar para me tranquilizar. “Se tivesse ouvido uma palavra do que eu disse hoje, saberia a resposta.”

TANSY: *Vou daqui a pouquinho.*

A mensagem chega às nove, e fico aliviada. Finalmente. Faz três horas que ela saiu.

Mais cedo, fiz a festa com o cartão do refeitório dela. O jantar estava gostoso e eu fiquei de boa com umas garotas superlegais, evitando os avanços de alguns caras do time de lacrosse. Mas agora o tédio está se esgueirando, e nos últimos quarenta minutos fiquei deitada na cama de Aisha, passando por perfis do Tinder sem prestar muita atenção.

Não costumo usar aplicativos de relacionamento, mas o que mais poderia estar fazendo agora? Não posso ligar para meus amigos — estão todos na Briar, ou vendo a partida da semi contra Yale ou jogando. Não posso assistir ao jogo no canal local porque Tansy e Aisha não têm TV, e não consegui encontrar nenhum site transmitindo ao vivo.

Conversar com caras aleatórios é o que me resta.

Dois minutos depois de abrir o aplicativo, já tenho uns quinze matchs. Catorze desses quinze caras já me mandaram mensagem, variando entre “ooooi” e “oi, linda”, muitos emojis de carinhas com coração no lugar dos olhos e um “minha nossa, você existe mesmo??”.

A última mensagem me dá vontade de rir. Dou uma olhada no perfil do cara de novo. O nome dele é Aaron, ele tem o corpo esguio de um jogador de basquete e um sorriso incrível. Viro de lado e escrevo de volta.

EU: Às vezes fico em dúvida

ELE: *hahaha*

EU: *Tipo, o que é real? Somos reais? O céu é real?*

ELE: *O céu não é. Sinto muito em informar*

EU: *Sério? E o que é então?*

ELE: *O céu é uma redoma. É uma coisa meio O show de Truman.*

EU: *Hum, spoiler total. Nunca vi esse filme!*

ELE: *Deveria. É mto bom. Vc ia gostar. Estudo cinema, então vejo um monte de coisa legal na aula*

EU: *Deve ser legal. E qual é a sua? Roteiro? Direção?*

ELE: *Direção. Vou ganhar um Oscar um dia :) Na verdade, já tô produzindo meus próprios filmes*

Fico intrigada. Até que ele manda uma carinha piscando.

Ih.

Decido manter minhas respostas vagas, porque já sei para onde isso está indo.

EU: *Legal*

ELE: *Não vai perguntar que tipo de filme eu faço? ;)*

EU: *Posso imaginar*

Ele manda mais duas carinhas piscando.

ELE: *Vc é tão linda. Adorei seu corpo. Adoraria que aparecesse em um dos meus filmes*

Embora ele ainda não tenha agido oficialmente como um babaca total, é só uma questão de tempo, e eu corto a

conversa escrevendo: *Desculpa, não tenho interesse em ser atriz.*

ELE: *Aposto que seus peitos são uma delícia. Hummm, e os mamilos. Queria me filmar chupando eles*

Argh. Por quê? *Por quê?*

Desfaço o match na hora e fico encarando o teto.

Estou começando a questionar a evolução, de verdade. Passamos de homem das cavernas a *Homo sapiens* a uma sociedade incrível com mentes brilhantes — Alexander Graham Bell inventou o telefone, Steve Jobs inventou... tudo. E agora estamos regredindo. Voltamos aos homens da caverna, só que hoje os chamamos de escrotos.

A evolução completou um ciclo, o que é um saco.

Grunho alto, querendo que minha prima chegasse logo. Não consigo acreditar que perdi a semi por isso.

Pego o celular para ver como Briar está se saindo. Vejo no Twitter que o segundo período terminou em dois a um pra gente. É uma diferença muito pequena para me deixar tranquila. Harvard ganhou de Princeton com três gols de saldo.

Aposto que Connelly está muito satisfeito consigo mesmo. Talvez esteja com Bambi Sexy agora mesmo, comemorando a vitória com um boquete e o tal beijo com viradinha. Bom pra ele.

Estou abrindo o Tinder de novo quando chega outra mensagem da minha prima.

TANSY: *Mudança de planos, Lamar vai com a gente*

Aperto os dedos em volta do celular. Sério? Era o fim de semana *das garotas*. O namorado dela estragou tudo até agora, e minha prima vai deixar que estrague o Bulldozer também? Eu estava animada para ir, droga.

Ligo em vez de mandar uma mensagem, com meu ressentimento saindo pela garganta. “Está falando sério?”, pergunto quando ela atende.

“Desculpa”, Tansy geme. “É que... fizemos as pazes, aí ele perguntou se podia ir também. O que eu podia dizer? Não?”

“Isso! Você devia ter dito não. Que não é pessoal, mas precisamos curtir um pouquinho só entre as garotas.”

“Vamos, Bren, vai ser legal. Eu juro.”

Ah, é. Como ontem à noite foi legal. Cerro os dentes com tanta força que eles rangem. Tento relaxar o maxilar soltando o ar lentamente. Estou cansada de discutir com ela. “Beleza. Vocês me pegam aqui ou encontro vocês lá?”

“Pegamos vocês aí. Lamar pode dirigir, porque não pretende beber. Vou me arrumar aqui, então acho que chegamos em uma hora mais ou menos.”

“Tanto faz. Me manda uma mensagem quando estiverem vindo. Vou me arrumar.”

Deixo a irritação de lado e tomo um banho rápido, então seco o cabelo e o arrumo em ondas soltas usando a chapinha de Tansy. Trouxe um vestido bem sexy, preto cintilante, com uma fenda, colado ao corpo, que deixa à mostra bastante peito e perna. Eu o visto e vou me

maquiar à penteadeira incrível de Aisha. Uso mais maquiagem que de costume: além do batom vermelho que é minha marca registrada, esfumaço os olhos, passo delineador estilo gatinho e um rímel grosso.

Quando termino, verifico meu reflexo no espelho, feliz com o resultado. A noite de ontem foi péssima. O dia de hoje também. Mas estou com um bom pressentimento quanto a esta noite. E daí se Harvard foi para a final? Briar também vai, e vamos acabar com eles. Daqui a cerca de uma hora, estarei dançando na Bulldozer, sem hora para acabar.

Meu celular toca. Ótimo. Vamos lá. Tansy está vindo me pegar e...

TANSY: Não me mata prfv. Lamar e eu não vamos mais

É o fim do sonho. A Bulldozer literalmente escorre por entre meus dedos. A raiva acelera meu coração. Afundo na beirada da cama de Tansy, sem palavras. Tansy oficialmente roubou a coroa de Alex como a pior prima, disparado. Nada pode superar isso. *Nada.*

Minhas mãos tremem enquanto respondo.

EU: Você tá de brincadeira, né

TANSY: Desculpa, mas é que foi um dia TÃO estressante pra nós dois, e ele acha que seria melhor para o nosso relacionamento se ficássemos só os dois esta noite. Vamos ver um filme em casa e nos reaproximar.

Reaproximar? Eles se veem todos os dias! O ultraje fica

entalado na minha garganta. Meu maxilar fica mais duro que pedra.

EU: Parabéns, vc ganhou o prêmio de pior prima do ano e ainda é abril!

TANSY: Desculpa, tô me sentindo péssima

EU: Tá nada. Ou não me daria o bolo

TANSY: Vc tá puta?

EU: Claro que sim. Vc tem merda na cabeça?

Não tenho medo de briga, e certamente não vou fingir que está tudo lindo e maravilhoso quando não está. As palavras duras têm um efeito nela, porque, depois de um momento tenso, ela volta atrás.

TANSY: Você tá certa. Tô sendo ridícula. Vou falar com Lamar e a gente te encontra lá, tudo bem?

Meu queixo cai. Ela está maluca? Como ficaria tudo bem? Com os dentes cerrados, respondo rapidamente. A ideia principal é: vai se foder.

EU: Não, tudo bem nada. Nem se dê ao trabalho de ir. Fica no Lamar, claramente é o que você quer fazer, e não quero passar meu tempo com alguém que não quer estar comigo. Mudança de planos. Tenho amigos para visitar na cidade, então aproveita sua noite e talvez a gente se veja amanhã.

Cinco segundos depois, o celular toca.

Ignoro.

Meu vestido cintilante e eu acabamos em um lugarzinho com música perto do estádio de beisebol. Já passei por alguns bares diferentes e, em geral, não tenho problema em sair sozinha e conversar com desconhecidos, mas estou tão de mau humor esta noite que franzo a testa para qualquer um que tenta se aproximar, homem ou mulher. Não quero ficar com ninguém nem conversar. Prefiro que me deixem quieta.

Por isso decidi que precisava de um lugar onde a música fosse tão alta que não deixasse nenhum espaço para conversas.

Seria o caso da Bulldozer, mas não estou mais com vontade de dançar. Quero pedir um drinque e curtir o mau humor em silêncio. Ou melhor, curtir o mau humor ouvindo um heavy metal ensurdecador, porque é o que a banda do lugar em que entro vai tocar. Perfeito.

O estabelecimento consiste em um salão principal grande o bastante para abrigar um palco estreito e uma pequena pista. Tem algumas mesas altas encostadas a uma parede de tijolos pintada de preto e decorada com grafite. O bar fica na outra parede, mas não tem banquetas, então me dirijo a uma das mesas, que estão todas vazias.

Todo mundo me olha enquanto cruzo o salão, provavelmente porque estou vestida para a noite, enquanto a maior parte do público parece ter vindo de qualquer jeito, com as roupas amassadas, o cabelo sujo e mais camisetas do Pantera e do Slayer do que consigo contar. Por sorte, a iluminação é quase inexistente, então

é praticamente impossível distinguir o rosto das pessoas nas sombras. Sinto que estão me encarando, mas pelo menos não vejo.

“Posso ajudar?” Um garçom com cabelo preto até a cintura vem me servir. “A banda vai começar, então é melhor já pedir.”

“Vodka com suco de cranberry, por favor.”

Ele assente e vai embora sem pedir minha identidade. Eu a trouxe, então não haveria problema se tivesse pedido. Viro na direção do palco e vejo o cantor de cabelo comprido ir até o microfone.

“E aí, Boston? Somos o Stick Patrol e vamos FODER COM A CABEÇA DE VOCÊS!”

Se com “foder com a cabeça de vocês” ele quer dizer que vão tocar seis músicas de estourar os tímpanos com letra truncada e ir embora antes que eu consiga terminar meu primeiro drinque, então missão cumprida.

Resisto à vontade de levar as mãos ao rosto e chorar de verdade.

O que foi isso?

Enquanto o cantor agradece a presença de todos, fico só olhando para ele. Estou embasbacada.

Eles tocaram por catorze minutos. Isso dá cerca de dois minutos e meio por música. Cada música de heavy metal não deveria durar um zilhão de minutos? Juro que todas as faixas do Metallica que já ouvi duravam mais que os filmes do *Senhor dos Anéis*.

Catorze minutos, então acendem as luzes e fico observando a banda guardar os equipamentos. Um cara tira um amplificador do palco. Outro enrola o fio do microfone.

Vai se foder, Stick Patrol. A banda e seu nome idiota. E minha prima por não manter o combinado, e Harvard por ter ganhado hoje à noite, e o aquecimento global por despejar toda essa chuva indesejada. Foda-se tudo.

Viro o resto da bebida em um gole, então sinalizo para o garçom pedindo outra.

É o pior fim de semana da história.

“Ah, não, eu perdi a banda?” Um cara fortão com a cabeça raspada e dois piercings na sobrancelha se aproxima. Ele olha para mim e depois para o palco vazio e de novo para mim. O desejo ilumina seus olhos quando nota meu vestido.

Passo um dedo pelo vidro do meu copo vazio, distraída. “Sinto muito. Eles acabaram agorinha.”

“Que absurdo.”

“Nem me fala.” E nem sou fã de metal. Imagine alguém que queria ver a banda chegar assim que ela deixa o palco.

“Posso me juntar a você?” Ele fecha os dedos sobre a beirada da mesa.

Meu olhar recai sobre suas mãos. São enormes, duas patas consideráveis com juntas vermelhas. Não gosto delas e não quero companhia, mas o cara não me dá a chance de recusar.

Ele se aproxima, apoiando os antebraços na mesa. Seus braços também são enormes, e o esquerdo está coberto de tatuagens tribais. “Gosta de música?”

O cara acabou de me perguntar se eu gosto de *música*? Em geral? A maior parte das pessoas não gosta? “Gosto. Claro.”

“Quem é sua banda de metal preferida?”

“Hum, não tenho uma, na verdade. Não sou do metal. Só entrei aqui porque queria um drinque.”

“Legal.”

Espero que diga mais alguma coisa, mas ele não diz. Tampouco vai embora.

“Você é estudante?”, pergunto, me resignando a conversar. Não é como se tivesse algo melhor a fazer.

“Larguei”, ele diz apenas.

Hum. Tá. Tanto faz para mim, mas é meio estranho só falar isso. “E onde estudava? Sou da Briar.”

“Na St. Michael’s.”

“St. Michael’s?” Vasculho o cérebro. “Nunca ouvi falar dessa faculdade.”

“Escola”, ele grunhe. “Não é uma faculdade. É uma escola.” Ele aponta com os dois dedos para o próprio peito. “Larguei o ensino médio.”

Hum.

O que posso dizer depois disso?

Por sorte, o garçom me poupa. Ele aparece com outro drinque para mim e uma garrafa de Corona para o cara. Levo o copo aos lábios com vontade.

O cara toma um longo gole de cerveja. “Como você chama?”

“Brenna.”

“Animal.”

“Valeu. E você?”

“Não, Animal é meu nome.”

Hum.

Reprimo um suspiro do fundo da minha alma. “Seu nome é Animal?”

“Bom, na verdade é Ronny. Animal é meu nome de palco.” Ele ergue seus ombros impressionantes. “Eu tinha uma banda. A gente fazia covers do Guns.”

“Ah. Legal. Mas acho que prefiro te chamar de Ronny.”

Ele joga a cabeça para trás e ri. “Você é durona. Gosto disso.”

Ficamos em silêncio de novo. Ronny se aproxima, e seu cotovelo roça o meu. “Parece triste”, ele diz.

“Pareço?” Duvido muito. A única emoção que sinto no momento é irritação.

“Parece. Como se precisasse de um abraço.”

Forço um sorriso. “Não precisa, obrigada. Estou superbem.”

“Tem certeza? Sou ótimo nisso.” Ele abre os braços fortes e levanta as sobrancelhas, como se fosse Patrick Swayze em *Dirty Dancing* esperando que eu pulasse em seus braços.

“Não precisa”, repito, mais firme dessa vez.

“Posso experimentar seu drinque?”

Oi? Quem pede uma coisa dessas? “Não. Mas posso te pagar um, se quiser.”

“Não, nunca deixo a mulher pagar.”

Tento me afastar para abrir mais espaço entre a gente, mas Ronny dá outro passo na minha direção. Não me sinto ameaçada por ele. É um cara grande, mas não ameaçador. Não está tentando me intimidar com sua corpulência. Acho que só não se deu conta de todos os sinais de que não estou interessada.

“Então, minha história de vida é... complicada”, Ronny confessa, como se eu tivesse perguntado a respeito.

Mas é claro que não perguntei.

“Cresci na costa norte. Meu pai pescava em águas profundas. A vadia da minha mãe fugiu com algum babaca.”

Não consigo. Ai, meu Deus, não consigo.

Ronny não é totalmente esquisito ou aterrorizante. Ele se expõe demais, isso é óbvio, mas parece um cara normal, tentando puxar papo.

Mas *não consigo*. Quero que esta noite, este fim de semana inteiro, acabe. Foi terrível. Um horror. De verdade, não consigo ver como poderia piorar.

Assim que essas palavras passam pela minha cabeça o universo decide me dar um tapa na cara colocando Jake Connelly no meu campo de visão.

O desgraçado do Jake Connelly.

Os músculos do meu pescoço ficam tensos de desconfiança.

O que ele está fazendo aqui?

“É uma droga, sabe? Vim para Boston pensando que conseguiria um trabalho irado, mas é difícil sem um diploma.”

Ouçó só parte do que Animal diz. Quer dizer, Ronny. Jake tem a maior parte da minha atenção. Com jeans desbotado, camiseta verde-escuro da Under Armour e boné dos Bruins, é o único aqui que não usa preto ou camiseta de banda. Também é uns trinta centímetros mais alto que os outros caras.

Cerro os dentes. Por que atletas têm que ser tão grandes e masculinos? O corpo de Jake é incrivelmente atraente. Pernas longas, braços fortes, peito escultural. Nunca o vi sem camisa, e me pego fantasiando com como seria seu peito nu. Musculoso, imagino. Mas cheio de pelos? Liso como bundinha de nenê? Meus dedos traidores formigam de vontade de descobrir.

Ele ainda não me viu. Está na beirada do palco, conversando com um cara da banda. O guitarrista, acho.

Me pergunto se conseguiria ir embora sem que Jake me notasse. Se Connelly me encontrasse aqui, neste buraco, toda arrumada de vestidinho colado e brilhante... Seria a cobertura podre do bolo vencido em que este fim de semana se transformou.

“E sabe o que é pior? Essa coisa dos aplicativos”, Ronny se lamenta.

Tiro os olhos de Jake. “É, esses aplicativos são péssimos”, digo, distraída, tentando localizar o garçom.

“Tenho um monte de matches e garotas dizendo: ‘Oi, bonitão, você é lindo, tão gostoso’. Então a conversa morre. Não consigo entender.”

Sério? Ele não consegue entender? Porque tenho uma suspeita do motivo pelo qual as conversas no aplicativo morrem. Tem várias coisas nele que deixam a desejar. Tipo dizer “a vadia da minha mãe”. Ou ficar mencionando o tempo todo que não terminou a escola. Animal pode não estar dando a melhor primeira impressão, mas me recuso a fazer críticas construtivas. Estou ocupada demais com meu plano de fuga.

Meu olhar ruma na direção do palco. Jake continua envolvido na conversa com o guitarrista.

Droga. Cadê o garçom? Preciso pagar e cair fora daqui.

“Você é uma garota legal, Brenna”, Ronny diz, meio sem jeito. “É fácil falar com você.”

Dou outra olhada no salão. É hora de ir. Se Jake me notar, não vai deixar passar. O vestido, o lugar, a companhia.

Isso. Encontro o garçom atravessando a porta vaivém próxima ao bar. Aceno freneticamente.

“Desculpa, só estou tentando pedir a conta”, digo a Ronny. “Eu...”

Paro de falar. Jake não está mais do outro lado do salão.

Para onde ele foi?

“Já vai embora?” Ronny parece decepcionado.

“Estou um pouco cansada e...”

“Aí está você, linda”, ouço uma voz familiar dizer.
“Desculpa o atraso.”

De repente, Jake está ao meu lado, põe a mão no meu pescoço e leva a boca à minha.

JAKE

Eu não estava planejando beijar Brenna. Só ia até lá para salvar a garota do cara de quem claramente estava tentando fugir. Mas os lábios dela estavam *bem ali*. Cheios, vermelhos e tão tentadores que não pude resistir.

Roço minha boca na dela no que é mais uma provocação que um beijo. Mas acho que caio mais na provocação do que ela, e logo me arrependo, porque, *porra*, quero mais. Quero língua. Quero tudo.

Mas não posso ter. Vim resgatar a garota, não dar uns pegadas.

Já saí com Hazel, e vi minha amiga aguentando as investidas de alguém que não curtia várias vezes para reconhecer o pedido de socorro nos olhos de uma mulher. É algo entre “Deus, acabe logo com isso” e “Alguém me tire daqui, por favor”.

Os olhos de Brenna transmitiam esse pânico revelador. Nem pude acreditar quando a vi do outro lado do salão. Meu primeiro pensamento, ainda que insano, foi de que tinha me seguido até aqui, mas logo soube que não podia ser. Não é o estilo de Brenna Jensen. Quando superei o